



Universidade de Brasília
Faculdade de Comunicação
Comunicação Social – Jornalismo
Projeto Experimental em Jornalismo
Orientador: Sérgio de Sá

O olhar da imprensa brasileira sobre a seleção argentina na Copa de 2010

Rodrigo Fernandes Silva Antonelli

Brasília – DF, fevereiro de 2013



Universidade de Brasília
Faculdade de Comunicação
Comunicação Social – Jornalismo
Projeto Experimental em Jornalismo
Orientador: Sérgio de Sá

O olhar da imprensa brasileira sobre a seleção argentina na Copa de 2010

Rodrigo Fernandes Silva Antonelli

Monografia apresentada ao curso de Comunicação Social da Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo, sob orientação do professor Sérgio de Sá.

Brasília – DF, fevereiro de 2013

Antonelli, Rodrigo Fernandes Silva

O olhar da imprensa brasileira sobre a seleção argentina na Copa de 2010

Monografia apresentada à Universidade de Brasília, para a obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo.



Universidade de Brasília
Faculdade de Comunicação
Comunicação Social – Jornalismo
Projeto Experimental em Jornalismo
Orientador: Sérgio de Sá

Membros da banca examinadora

Membros da banca	Assinatura
1. Professor Doutor Sérgio de Sá (Orientador)	
2. Professor Doutor Fernando Paulino	
3. Professor Doutor Gustavo de Castro	
Menção Final	

Brasília – DF, fevereiro de 2013

AGRADECIMENTOS

À minha família, pelo apoio em todas as decisões

Juliana Contaifer, principalmente pelas palavras motivadoras

Amigos, por não me deixarem abater

Ao meu orientador, pela paciência e disposição em ajudar.

RESUMO

Este trabalho mostra como a seleção argentina foi retratada pela imprensa brasileira durante a Copa do Mundo de Futebol de 2010, na África do Sul. O estudo leva em conta conceitos de valores-notícia e objetividade para analisar, através da análise de conteúdo, os elementos componentes das matérias jornalísticas produzidas por *Correio Braziliense*, *Folha de S.Paulo* e *O Globo* durante o período do Mundial de Futebol.

Palavras-chave: Jornalismo Esportivo. Argentina. Futebol. Valores-notícia. Objetividade. Análise de Conteúdo.

ABSTRACT

This paper shows how the Argentine national team was portrayed by the Brazilian press during the World Cup Soccer 2010, in South Africa. The study takes into consideration the conceptions of objectivity and news values to analyze, using the content analysis, the elements components of news stories produced by *Correio Braziliense*, *Folha de S.Paulo* and *O Globo* during the World Cup.

Key words: Sports Journalism. Argentina. Soccer. News Values. Objectivity. Content Analysis.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
2. O DESENVOLVIMENTO DAS RELAÇÕES ENTRE BRASIL E ARGENTINA E O FUTEBOL.....	11
3. O FAZER JORNALISMO.....	18
3.1 NOTÍCIAS E CRITÉRIOS DE NOTICIABILIDADE.....	18
3.2 A OBJETIVIDADE DA NOTÍCIA.....	21
3.3 O ESPORTE NA IMPRENSA E O FUTEBOL COMO FERRAMENTA DE DESENVOLVIMENTO DO JORNALISMO ESPORTIVO.....	24
3.4 CARACTERÍSTICAS E PECULIARIDADES DO JORNALISMO ESPORTIVO.....	28
4. METODOLOGIA DE ANÁLISE.....	31
4.1 ANÁLISE DE CONTEÚDO.....	31
4.2 CORPUS DA PESQUISA.....	33
5. ANÁLISE DOS JORNAIS.....	34
5.1 A PREPARAÇÃO.....	34
5.1.1 <i>Correio Braziliense</i>	34
5.1.2 <i>Folha de S.Paulo</i>	37
5.1.3 <i>O Globo</i>	38
5.2 OS JOGOS.....	40
5.2.1 <i>Correio Braziliense</i>	41
5.2.2 <i>Folha de S.Paulo</i>	47
5.2.3 <i>O Globo</i>	52
5.3 A ELIMINAÇÃO.....	55
5.3.1 <i>Correio Braziliense</i>	55
5.3.2 <i>Folha de S.Paulo</i>	57
5.3.3 <i>O Globo</i>	58
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	59
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	63
ANEXOS.....	65

1. INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é analisar o discurso da imprensa brasileira sobre a seleção argentina de futebol durante a Copa do Mundo de 2010. Para isso, apresentarei análises de matérias publicadas nos jornais *Correio Braziliense*, *Folha de S.Paulo* e *O Globo*, desde 28/05/2010 até 10/07/2010. O foco do trabalho é centrado em três momentos distintos: as reportagens sobre a seleção argentina antes do início do torneio; durante a Copa do Mundo; e após a eliminação para a Alemanha, na quartas de final.

Brasil e Argentina são países vizinhos e com uma tradição de rivalidade que se acirra no campo esportivo. Ambos utilizaram o futebol para aflorar a nacionalidade em seus povos e construir um sentido de pertencimento à nação. O esporte foi entendido como um espaço único de manifestações que seriam típicas das identidades nacionais. Por isso, a dúvida: como a imprensa brasileira retrata o futebol argentino? Ela “torce” contra a seleção do país vizinho? De que forma?

A seleção brasileira, então comandada pelo técnico Dunga, chegou àquela Copa como favorita, por causa da sua tradição na competição, mas não tão favorita como em outras vezes. Por causa do fiasco em 2006, quando grandes estrelas como Ronaldo, Ronaldinho Gaúcho e Adriano estavam no grupo, o trabalho de Dunga tomou um caminho oposto e nomes de peso não formavam a base do time. No Brasil, a equipe era vista como bastante disciplinada, mas sem muitos talentos.

A seleção da Argentina, por outro lado, chegou à África do Sul muito baladada, principalmente por causa do ótimo momento de Lionel Messi, considerado melhor jogador do mundo à época, e do comandante Diego Maradona, maior ídolo do esporte no país e que tinha aproximado ainda mais a seleção do povo. Nomes como Verón, Dí Maria, Higuaín, Tevez, Agüero e Mascherano, todos conhecidos internacionalmente, também concediam o título de favorita à seleção argentina.

2. O DESENVOLVIMENTO DAS RELAÇÕES ENTRE BRASIL E ARGENTINA E O FUTEBOL

A rivalidade entre Brasil e Argentina é histórica e não está apenas no futebol, como muitos imaginam. Desde o início da formação dos dois países como estados-nação, no início do século XIX, as disputas já aconteciam e fortaleciam uma rivalidade que, se não existe mais política e economicamente, ainda é muito evidente no futebol.

Quando o esporte chegou à América do Sul, na segunda metade dos anos 1800, sendo promovido pelos ingleses, foi a Argentina que o abraçou mais rapidamente. Em pouco tempo, escolas e universidades do país formaram times que competiam entre si e inseriam a modalidade entre os jovens. Não à toa, o primeiro clube argentino foi fundado mais de 20 anos antes do que o primeiro clube brasileiro: o The Buenos Aires Football Club data de 1867, enquanto o São Paulo Athletic surge apenas em 1888.

Essas duas décadas explicam o porquê de o futebol argentino ter sido o maior do continente durante o final do século XIX e início do século seguinte. O país recebeu estrutura para a prática do jogo rapidamente e logo surgiram muitos clubes. Em 1893, foi fundada a Argentine Football Association (AFA), conhecida por organizar um campeonato de expressão, que envolvia representantes de todas as regiões do país e que, na época, chegou a ser considerado o mais relevante torneio futebolístico fora do Reino Unido. No Brasil, campeonatos profissionais só passaram a ser disputados mais tarde, no início dos anos 1900, e sem uma confederação nacional responsável pela organização. A Confederação Brasileira de Desportos (CBD), atual Confederação Brasileira de Futebol (CBF), só surgiu em 1919.

Por isso, não é de se espantar que, inicialmente, não havia uma rivalidade entre Brasil e Argentina, e sim um respeito por parte dos brasileiros, que reconheciam a superioridade dos vizinhos e viam seu estilo de jogo como o modelo a ser seguido. No período a seguir, descrito por Gilberto Agostino no livro *Futebol e política: a construção de uma identidade nacional* (Francisco Carlos Teixeira da Silva e Ricardo Pinto dos Santos, 2006), fica clara essa relação:

Desde 1908, quando, pela primeira vez, uma equipe argentina visitou o Brasil para jogos amistosos, a opinião pública encarou

o evento como um momento decisivo da afirmação nacional, presente no relato de vários cronistas, alguns ainda um tanto quanto surpresos com o poder simbólico da disputa. (...) Para a crônica esportiva, a questão da superioridade argentina era absolutamente indiscutível: “Os argentinos, reconhecendo a própria superioridade, retiraram do seu time alguns dos principais jogadores, enfraquecendo-o propositalmente.” (AGOSTINO, 2006, p. 59)

Neste momento, os jogos começavam a se tornar eventos de manifestações de patriotismo e uma identidade nacional era criada em torno das seleções. Com sua popularidade, o futebol ajudava a criar uma “comunidade imaginada”, expressão usada por Benedict Anderson no livro *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo* (2008). Segundo ele, a comunidade é imaginada porque é formada por membros que não se conhecem entre si, mas que se sentem unidos muito fortemente por algo invisível. Ou seja, o futebol começava a unir o povo em torno de uma única coisa, algo bom para os governantes, que começavam a enxergar uma nova vitrine para se promover.

Em 1914, então, o general argentino Júlio Roca sugeriu ao governo brasileiro que as seleções brasileira e argentina se enfrentassem uma vez por ano, durante três anos, em um torneio que serviria para ajudar a estreitar as relações entre os dois países de forma amistosa. E, no início, foi assim que ocorreu. Na primeira edição da competição, inclusive, disputada em Buenos Aires, a seleção brasileira foi campeã de forma surpreendente. Não só por que vencia a superior seleção Argentina pela primeira vez, mas por que vencia com a ajuda dos próprios jogadores argentinos.

Quando o placar marcava 1 a 0 para os selecionados brasileiros, o juiz validou um gol irregular da equipe da casa e logo ouviu contestações dos jogadores argentinos. Leonardi tinha dominado a bola com a mão antes de colocá-la para o fundo das redes e, junto com seus companheiros, avisou o árbitro, que, pressionado, anulou o gol.

Enquanto isso, começava na Europa a Primeira Guerra Mundial, acontecimento que fez com que as seleções do velho continente parassem de fazer excursões para a América do Sul. Dessa forma, acabou-se incentivando competições internacionais entre seleções da própria América do Sul. A Confederação Sul-Americana de Futebol surgiu em 1917 e logo começou a organizar um campeonato entre esses países.

Neste mesmo momento, à medida que a guerra tocava de forma mais expressiva o continente, a partir dos bombardeios de submarinos alemães, foram incitadas manifestações nacionalistas em diversos países, sendo possível perceber que os aficionados pelo futebol cada vez mais relacionavam a vitória no campo de jogo ao orgulho cívico. (AGOSTINO, 2006, p. 61)

Com o sentimento nacionalista crescendo e tomando proporções de guerra, é claro que as disputas entre Brasil e Argentina dentro de campo não seriam mais tão amistosas como aquelas de alguns anos antes, quando o respeito e o *fair-play* prevaleciam. Em 1920, aconteceu o episódio que muitos consideram o momento da virada, o momento em que Brasil e Argentina viraram realmente rivais no futebol: quando a seleção brasileira visitou Buenos Aires, após mais uma participação no campeonato Sul-Americano, um jornal local utilizou a expressão *macaquitos* para se referir aos jogadores brasileiros.

A matéria rapidamente gerou repercussão na imprensa brasileira, que criticou a atitude. No jornal carioca *Correio da Manhã* do dia 20 de outubro daquele ano, a notícia estava na capa: “*Os footballers brasileiros insultados por um jornal argentino*”. O governo argentino não demorou a se manifestar e, em nota oficial, repreendeu o jornal, afirmando que não queria que a relação entre os dois países fosse abalada após o caso.

O governo brasileiro, por sua vez, não fez questão de se defender e ficou insatisfeito com a imagem que o país estava passando para o resto do mundo. Na República Velha, o pensamento dos governantes era que o Brasil tinha que se mostrar como um representante da cultura europeia na América do Sul. Em um momento em que a discussão sobre eugenia ganhava força no velho continente, portanto, a presença de negros na seleção brasileira atrapalhava os planos do governo.

O racismo era tanto que, no ano seguinte, em 1921, o presidente Epitácio Pessoa, membro de honra da CBD, proibiu que jogadores negros disputassem o Campeonato Sul-Americano que seria disputado na Argentina. A imprensa defendia que a seleção levasse o que tinha de melhor, o que implicava na convocação de jogadores negros, mas o então presidente não cedeu, argumentando que queria evitar desgastes para a imagem do Brasil no exterior.

Ao deixar evidente seu preconceito, o próprio governo brasileiro contribuía para difundir uma das imagens possíveis para reforçar a diferença entre os países em questão, elemento vital para o reconhecimento do “outro”. Neste mesmo ano, alguns meses mais tarde, quando o Paulistano, time do mulato Friedenreich, fez uma excursão pelos países platinos, um incidente demonstrou o quanto as rivalidades entre argentinos e brasileiros já vinham assumindo contornos próprios, para além do incitamento de setores da imprensa e das projeções governamentais. Ao vencer o selecionado argentino por 1 x 0, os jogadores do Paulistano assistiram um tanto incrédulos à cena dos torcedores argentinos queimando a bandeira brasileira. (AGOSTINO, 2006, p. 65)

Assim, brasileiros e argentinos iam formando imagens uns dos outros. Para o brasileiro, o povo argentino se sentia mais europeu do que latino-americano e jogava um futebol mais baseado na raça e disciplina tática, assim como na Europa. O estilo do jogo brasileiro, por outro lado, seria mais latino, cheio de paixão e improvisação, com o talento individual se sobressaindo. Esses tipos de estereótipo eram usados para se diferenciar dos vizinhos, criando as “identidades contrastivas”, abordada por Simoni Lahud Guedes no livro *O Brasil no campo do futebol: estudo antropológicos sobre os significados do futebol brasileiro* (1998, p. 49-52) e, conseqüentemente, as rivalidades.

Porém, ainda não era o fim do platinismo no Brasil. Ao longo do processo de profissionalização do futebol no Brasil, que se estendeu até meados da década de 1930, comparações com o modelo argentino apareciam o tempo inteiro na imprensa. Jornais faziam campanha para que as equipes brasileiras formassem contratos e pagassem melhor os jogadores brasileiros, para não perdê-los para times do exterior, e falavam insistentemente na estruturação do esporte, sempre usando os vizinhos da Argentina e do Uruguai como referência.

No *Jornal dos Sports* do dia 17 de fevereiro de 1933, um texto dizia:

Quem vai ao Prata, sente uma dolorosa impressão ao ver as instalações dos clubes de Buenos Aires e Montevideú. Não há sedes luxuosas para bailes com trajes de rigor, mas há instalações capazes de atender aos jogadores. Cuida-se mais dos

esportes do que das danças. Em qualquer dos 18 clubes da Liga Argentina há gabinete médico à disposição dos jogadores. Aqui nos grandes clubes, há toilettes para damas e palanques para jazz-band.

Para pesquisadores da área, o platinismo só seria superado no fim da década de 1950, depois que o Brasil ganhasse sua primeira Copa do Mundo e se afirmasse em âmbito mundial. Antes disso, porém, com a regulamentação e profissionalização do esporte promovida durante os primeiros anos do governo de Getúlio Vargas, a admiração aos vizinhos argentinos já tinha diminuído um pouco. Fatos como o do Sul-Americano de 1936-37 ajudariam nessa transição, uma vez que a imprensa trataria mais das hostilidades vividas entre os times do que de qualquer outro assunto.

O campeonato daquele ano foi disputado na Argentina novamente e o Brasil terminou em segundo lugar, vendo outra vitória argentina na competição. Naquela ocasião, os torcedores locais voltaram a chamar os jogadores brasileiros de *macaquitos*. A partida ficou marcada na imprensa brasileira como “O jogo da vergonha”, por conta dos insultos vindos da arquibancada, que esquentaram o clima da partida também dentro de campo, tornando-a muito violenta.

Mesmo com a derrota, os atletas brasileiros foram recepcionados com muita festa na volta ao Rio de Janeiro. A violência dentro de campo foi vista como prova de raça do povo brasileiro em solos rivais e os jogadores eram considerados heróis. O discurso do chefe da delegação brasileira, Castello Branco, mostrava como o esporte já estava próximo do governo e sendo usado por Getúlio Vargas como máquina de propaganda, ao pregar que o bom resultado devia-se ao patriotismo e à disciplina.

Neste momento, configurava-se o paradigma da crônica esportiva brasileira em torno da violência do futebol argentino, referência fundamental para a afirmação de um estilo de jogo marcado pela habilidade e destreza, aspecto crucial para a afirmação da especificidade do jogo brasileiro. (AGOSTINO, 2006, p. 71)

Ou seja, como era possível se espelhar em um futebol que era baseado na força física e violência se o nosso estilo de jogo era tão diferente daquele? Foi assim que começou o distanciamento e a superação do platinismo por parte da imprensa esportiva brasileira. Com o Estado Novo implementado por Vargas, a postura do governo também

já era diferente e a submissão aos pensamentos argentinos não prevaleciam mais. Tanto que, diferentemente do que Eptácio Pessoa fizera alguns anos antes, proibindo negros de jogar pela seleção em certo momento, Getúlio incentivou a presença de negros na equipe, afirmando que isso era símbolo da democracia racial no país. É bom lembrar que a Segunda Guerra Mundial estava prestes a explodir e a Alemanha nazista vinha configurando-se como o maior inimigo mundial.

Anos mais tarde, em 1946, as duas seleções fariam mais uma partida violenta que entraria para a história dos confrontos. O clima de tensão já era grande por causa de uma partida disputada no Rio de Janeiro em dezembro de 1945, que acabou com vitória e título brasileiro na Copa Roca. Naquele ocasião, o jogador argentino Batagliero quebrou a perna em uma disputa de bola. No jogo de 1946, válido pelo Campeonato Sul-Americano e disputado na Argentina, Batagliero apareceu em campo, antes do início do jogo, em cima de uma maca, em atitude que incitou a torcida e elevou o clima nada amistoso da partida.

Com poucos minutos de jogo, a violência já predominava em campo e, ainda no primeiro tempo, fez sua primeira vítima: o capitão Salomon. Em disputa de bola com o brasileiro Jair Rosa Pinto, o argentino fraturou a tíbia e teve que sair de campo carregado. Neste momento, a torcida invadiu o gramado e obrigou os jogadores brasileiros a voltar correndo para os vestiários.

O jogo chegou a ser reiniciado, cerca de uma hora depois, e teve a seleção argentina como vencedora. Depois desse episódio, contudo, as duas seleções ficaram quase 10 anos sem se enfrentar. O período coincide com a época do governo de Juan Domingo Perón, que, assim como Vargas, utilizou o futebol como ferramenta da propaganda nacionalista. Na Copa do Mundo de 1950, disputada no Brasil, Perón aconselhou a AFA a não enviar uma seleção para a competição, uma vez que o fracasso do time em terrenos brasileiros poderia manchar o êxito de sua revolução.

Em 1956, as seleções voltaram a se enfrentar e o Brasil sagrou-se vencedor. Dois anos depois, a seleção brasileira ainda venceria uma Copa do Mundo. No livro *Vencer ou morrer: futebol, geopolítica e identidade nacional* (2002), Agostino considera esses dois fatos de extrema importância para a virada na rivalidade entre os dois países, uma vez que começava a ser superado o platinismo.

A partir daí, a rivalidade entre os dois países passou a ser uma das maiores do futebol mundial, por conta das conquistas dos dois times em níveis internacionais. Como as seleções carregam parte da identidade nacional do país, uma vitória no futebol é também uma vitória simbólica do Estado, em termos políticos e econômicos. A conquista do direito de ser país sede da Copa de 2014, por exemplo, é considerada uma vitória do governo Lula, mesmo que, para muitos, essa responsabilidade não seja boa para o Brasil neste momento.

3. O FAZER JORNALISMO

3.1 NOTÍCIAS E CRITÉRIOS DE NOTICIBILIDADE

Para Nelson Traquina (2005), jornalistas são participantes ativos no processo de construção da notícia. Ou seja, os profissionais da área não são apenas observadores passivos do fato e influenciam na maneira como este é organizado enquanto realidade. Segundo ele, as notícias não podem ser vistas só como um acontecimento do mundo real, e sim como uma junção entre o acontecimento e o texto.

O autor defende que os jornalistas têm seus “óculos particulares”, que são seus valores-notícia.

Um ponto fulcral em relação à problemática dos valores-notícia é a distinção entre os valores-notícia de seleção e os valores-notícia de construção. (TRAQUINA, 2005, p. 77)

Foi Mauro Wolf que estabeleceu as diferenças entre esses dois:

Para Wolf, os valores-notícia de seleção referem-se aos critérios que os jornalistas utilizam na seleção dos acontecimentos como candidato à sua transformação em notícia e esquecer outro acontecimento. (...) Os valores notícia de construção são qualidades da sua construção como notícia e funcionam como linhas-guia para a apresentação do material, sugerindo o que deve ser realçado, o que deve ser omitido, o que deve ser prioritário na construção do acontecimento como notícia. (TRAQUINA, 2005, p. 78)

Ou seja, as notícias são aquilo que os jornalistas e seus empregadores definem como tal. Ainda de acordo com Wolf (1999), há um conjunto de fatores que determina a noticiabilidade dos acontecimentos. Esses fatores permitem a cobertura informativa diária, mas dificultam o aprofundamento e a compreensão de muitos aspectos significativos dos fatos apresentados como notícia.

O autor italiano acredita que a seleção de notícias é um processo muito rápido, no qual escolhas e decisões são tomadas de forma simples. Portanto, os valores-notícia são regras de fácil compreensão e utilização que conduzem a forma como o acontecimento será tratado. Os critérios devem ser aplicados fácil e rapidamente, sem muita reflexão.

Porém, é necessário lembrar do caráter dinâmico desse meio. Ou seja, os valores-notícia não precisam ser os mesmos o tempo todo. Eles podem mudar ou se transformar de acordo com a época. Novos assuntos surgem sempre e eles podem virar notícia, dependendo do contexto em que estão inseridos. Assim, alguns temas podem se impor, se transformar em noticiáveis e gerar uma adaptação e/ou uma extensão dos critérios de noticiabilidade.

Outra consideração importante levantada por Mauro Wolf é que os *mass media* reservam espaços aos chamados *single issue movements*, que se configuram quando movimentos de opinião se solidificam na sociedade e passam a ser notícia. Esse tipo de acontecimento faz com que haja uma adaptação nos critérios de noticiabilidade, de forma que esse novo movimento seja regularmente noticiado.

Ainda dentro de sua teoria de *newsmaking*, Wolf explica que os valores-notícia derivam de pressupostos implícitos ou de considerações relativas aos seguintes fatores:

- a) características substantivas das notícias: o seu conteúdo;
- b) disponibilidade de material e critérios relativos ao produto informativo;
- c) meios de comunicação;
- d) público;
- e) concorrência.

Dentre esses critérios, Wolf (1999, p. 186) afirma que se articulam em dois fatores: a importância e o interesse da notícia. A importância pode ser definida a partir dos critérios abaixo:

a) grau e nível hierárquico dos indivíduos envolvidos no acontecimento

noticiável: quanto mais o acontecimento disser respeito aos países de elite, tanto mais provavelmente se transformará em notícia.

b) impacto sobre a nação e sobre o interesse nacional;

c) quantidade de pessoas que o acontecimento (de fato ou potencialmente)

envolve;

d) relevância dos acontecimentos quanto à evolução futura de uma determinada situação.

3.2 A OBJETIVIDADE DA NOTÍCIA

Segundo Luiz Amaral (1996, p. 26), a noção de objetividade começou a aparecer na imprensa em meados do século XIX. Na época, estavam em pauta a imparcialidade jornalística e o equilíbrio como componentes determinantes da ética profissional e transmissão de conteúdo noticioso.

Ele explica que antes disso, ou seja, na primeira metade do século XIX, não havia uma preocupação do editor, e nem do leitor, quanto à imparcialidade e objetividade do conteúdo transmitido. A discussão em torno do assunto ganhou força depois dos anos 1850, mas só se estabeleceu no período da Primeira Guerra Mundial, entre 1914 e 1918. Amaral aponta quatro fatos que ajudam a explicar o surgimento do compromisso do jornalismo com a imparcialidade e a objetividade:

- a) o advento das agências de notícias, porque elas exportaram uma ideia de menos envolvimento com o conteúdo que estava sendo produzido, uma vez que se interessavam em dar os dois lados da questão;
- b) o desenvolvimento industrial, que permitiu o surgimento de publicações para as massas;
- c) as duas guerras mundiais, que colocaram em questão a manipulação dos fatos e notícias tendenciosas;
- d) o surgimento da publicidade e das relações públicas, que precisam da objetividade para atingir mais rapidamente seu público.

O conceito se relaciona estritamente com os termos “exatidão” e “veracidade”, nos quais se apóia para fazer com que o conteúdo de uma notícia seja considerado imparcial. Assim, o texto objetivo é aquele que não conta com comentários ou impressões acerca do assunto e dispensa o uso amplo de adjetivos e advérbios.

Dessa maneira, torna-se extremamente importante a presença do jornalista no local do acontecimento para atestar a veracidade do fato. É dever do repórter, também, checar a informação com o maior número de envolvidos possível, consultando todos os “lados” da notícia.

Atualmente, a objetividade é vista como uma das mais importantes bases do jornalismo, mas é quase consenso que é um conceito utópico. Para Amaral (1996), todas as pessoas têm preconceitos, preferências, peculiaridades, simpatias, antipatias, preferências e modos diferentes de reagir a estímulos.

Reagimos segundo nossa raça, sexo, idade, classe social, preferência política e religiosa. (AMARAL, 1996, p. 18)

A questão que ele propõe, então, é se é possível o humano descrever as coisas como elas realmente são, independente das crenças. Para ele, é preciso saber se a objetividade é, de fato, o melhor caminho para contar a verdade e a realidade.

Clóvis Barros Filho (1995) resume que a busca pela objetividade é importante no jornalismo para orientar o processo produtivo da informação, mesmo que seja impossível alcançá-la. Ele acredita que o uso de subjetividades e uma certa personalização da matéria não podem ser deixadas de lado e até enriquecem o texto.

É basicamente o mesmo discurso da socióloga Gaye Tuchman, que, apesar de achar muito difícil chegar à objetividade, a considera muito importante como mecanismo de defesa dos jornalistas.

(...) a objectividade pode ser vista como ritual estratégico, protegendo os jornalistas dos riscos da sua profissão. (TUCHMAN, Gaye, 1999, p.74)

(...) a objectividade refere-se a procedimentos de rotina que podem ser exemplificados como atributos formais (aspas, níveis de significância, precedentes legais, radiografias) e que protege o profissional dos erros e dos seus críticos. (TUCHMAN, Gaye, 1999, p. 90)

Para ela, são cinco os procedimentos estratégicos que ajudam o repórter em busca da objetividade:

- a) a verificação dos fatos;
- b) a apresentação de possibilidades conflituais;
- c) a apresentação de provas auxiliares;
- d) o uso judicioso das aspas;
- e) a estruturação da informação em uma seqüência apropriada.

3.3 O ESPORTE NA IMPRENSA E O FUTEBOL COMO FERRAMENTA DE DESENVOLVIMENTO DO JORNALISMO ESPORTIVO

Atualmente, as editorias de esportes têm espaço em todos os jornais e contam com grande número de leitores. Mas não foi sempre assim. Por muito tempo, o jornalismo esportivo enfrentou resistência, principalmente das classes mais altas, e demorou para engrenar nas páginas dos jornais.

As primeiras aparições de esportes na imprensa aconteceram não para informar o público sobre competições, e sim para entreter os leitores com casos curiosos e engraçados, por meio de crônicas e comentários. Aos poucos, essas notas ganharam mais espaço e foram se transformando em artigos descritivos, sempre citando o lado saudável da atividade física e deixando de lado a profissionalização das modalidades.

Na Europa, o primeiro impresso esportivo surgiu na França, em 1828, com a criação do *Journal Des Haras*. Mais tarde, Inglaterra e Espanha seguiram essa tendência e também criaram suas primeiras publicações exclusivamente sobre esportes: o *Sportman* e a revista *El Cazador*, respectivamente, nos anos de 1852 e 1856.

No Brasil, o nascimento do jornalismo esportivo teria acontecido no final do século XIX, com publicações voltadas para a área da saúde. De acordo com André Ribeiro (2007), em 1856 já era possível ler em *O Atleta*, do Rio de Janeiro, fórmulas para desenvolver os músculos do corpo. O futebol, que ainda engatinhava no Brasil, não tinha espaço. É o que mostra Luiz Carlos Ribeiro em seu artigo “Brasil: Futebol e Sociedade”.

(...) em 1885, circulavam *O Sport* e *O Sportsman*. Em 1891, surgiu em São Paulo *A Platea Sportiva*, um suplemento da *Platea*, criado em 1888. Em nenhuma das publicações o futebol era prioridade: apenas notícias de turfe, regatas e ciclismo (RIBEIRO, 2007, p. 27).

Porém, o gênero só se desenvolveria no país com a popularização do futebol e depois de superar a desconfiança, que se baseava principalmente no preconceito entre

classes. Em seu artigo “Jornalismo Esportivo: 110 anos sob pressão” (2007), Maurício Stycer escreve o seguinte sobre o esporte bretão:

Desde o início, foi uma especialidade menos relevante dentro do jornalismo, nitidamente subalterna em relação ao jornalismo político, por exemplo, e atraía profissionais com menos habilidades e ambições que os redatores políticos e/ou literários. (STYCER, 2007, p. 4).

Segundo Coelho (2006), o escritor alagoano Graciliano Ramos, um dos mais importantes da época, acreditava que o futebol jamais seria aceito pelos brasileiros, uma vez que fora criado na Inglaterra e a população local não aceitava com facilidade o que vinha do estrangeiro. A pouca importância dada à cobertura esportiva refletia o pensamento do escritor.

Pouca gente acreditava que o futebol fosse assunto para estampar manchetes. A rigor, imaginava-se que até mesmo o remo, o esporte mais popular do país na época, jamais estamparia as primeiras páginas de jornal (COELHO, 2006, p. 7-8).

Em entrevista ao jornal *Gazeta Esportiva*, em março de 1944, Charles Miller, considerado um dos pioneiros do futebol no Brasil, conta como foi ignorado pelos mandatários dos jornais *O Estado de S. Paulo*, *Correio Paulistano*, *Platéia* e *Diário Popular*, ao pedir que eles noticiassem a primeira visita do São Paulo Athletic Club ao Rio de Janeiro, em 1902.

Apesar da negativa, Miller não desistiu e, poucos dias depois, quando o time da capital carioca foi a São Paulo, pediu para que seu amigo pessoal e jornalista Mário Cardim, de *O Estado de S. Paulo*, articulasse para que jornalistas paulistas e cariocas publicassem matérias sobre o duelo. Os artigos foram publicados e ganharam boa repercussão. Atualmente, o episódio é considerado um marco do jornalismo esportivo brasileiro.

Em poucos dias, os maiores jornais da capital da República, como o Jornal do Brasil e o Correio da Manhã, noticiaram com orgulho a exibição de seus craques em terras paulistanas. Era o que faltava para o futebol ganhar novo impulso também no Rio de Janeiro (RIBEIRO, 2007, p. 25).

A partir daí, diversos clubes começaram a ser criados em São Paulo e no Rio e, conseqüentemente, o futebol foi ganhando espaço nas páginas dos principais jornais. O número de cronistas esportivos também aumentou, abrindo novo mercado. Na década de 1900, então, o periódico *Fanfulla*, jornal voltado para a população italiana de São Paulo, que cada vez crescia mais, começou a dar mais espaço ao futebol, chegando a publicar páginas inteiras sobre os jogos que ocorriam na cidade. Apesar de não fazer parte da grande mídia, o jornal ajudou a impulsionar o esporte ainda mais em São Paulo.

Com a popularidade crescente do esporte, os jornais viam-se na obrigação de publicar assuntos relativos ao futebol. No final da década de 1900, então, surgiram as primeiras publicações voltadas exclusivamente aos esportes: o *Brazil Sport*, em 1907, e a *Revista Sportiva*, em 1908.

Foi nesse momento que clubes maiores começaram a surgir também, como Corinthians, Flamengo, Santos e Palestra Itália (atual Palmeiras). Essas equipes faziam amistosos entre si em diversos estados do país, divulgando o esporte em muitas áreas do Brasil, e tentando se afirmar como os mais populares. Com coberturas maiores a se fazer, os principais jornais do São Paulo e do Rio de Janeiro foram obrigados a empregar mais colunistas esportivos. Na primeira metade da década de 1910, notícias esportivas nas primeiras páginas já começavam a ser usuais.

Mas foi só no início dos anos de 1920 que o futebol ganhou mais espaço que o remo e o turfe, modalidades mais populares da época. A conquista do bicampeonato sul-americano pela seleção brasileira e a profissionalização dos clubes foram grandes responsáveis por isso.

(...) o futebol só ganharia proporções mais populares nos anos 20. Nesta época, a prática esportiva começava a ganhar contornos profissionais, com melhores atletas cobrando salários para defender as equipes. Mas o fato que melhor ajudou a difundir o esporte, principalmente na classe trabalhadora, foi a utilização, pela primeira vez, de negros em uma equipe. (LEMOS, 2007, p. 4).

A década de 1920 marca também o surgimento do rádio no Brasil. A primeira instalação de uma emissora aconteceu no Rio de Janeiro, no dia 7 de setembro de 1922, em comemoração ao centenário da independência. No início, porém, apenas uma pequena parcela da população tinha acesso ao aparelho receptor, que ainda custava muito caro.

Com a queda dos preços do aparelho, no início dos anos de 1930, o futebol passou a ser conteúdo obrigatório nas emissoras e conquistou um grande público, primeiro com leituras de notícias sobre a modalidade, e depois com transmissões em tempo real. Assim, um público de renda menor, que não sabia ler, se aproximou ainda mais do esporte e gerou grande audiência para as emissoras.

Era hora, então, de dar maior credibilidade à cobertura esportiva, o que começou a ocorrer em meados da década de 1930.

Se o futebol tornava-se profissional, a imprensa esportiva precisava acompanhar seus passos. Antes de tudo, teria que acabar com a figura do repórter amigo de clube ou jogador. Uma nova profissão estava nascendo. (RIBEIRO, 2007, p. 85).

Alguns anos mais tarde, em 1938, o terceiro lugar conquistado pelo Brasil na Copa do Mundo disputada na França fez com que o futebol se consolidasse em território nacional e estabelecesse a imprensa esportiva como fundamental para os veículos de comunicação. O futebol apresentado pela seleção brasileira em campos estrangeiros fez crescer a identidade que a população tinha com o time canarinho.

O atacante Leônidas da Silva foi o artilheiro do torneio e sua fama e prestígio fizeram com que a empresa de chocolates Lacta fizesse um produto em sua homenagem, usando seu apelido: Diamante Negro. O sucesso da seleção beneficiava não só os jogadores, como também a imprensa esportiva, que ganhava em investimentos e se tornava cada vez mais preparada para a cobertura de eventos de uma maneira séria.

Foi pouco tempo depois disso que surgiram dois dos principais jornais esportivos do Brasil: a *Gazeta Esportiva*, em São Paulo, e o *Jornal dos Sports*, no Rio de Janeiro. Ou seja, a profissionalização da imprensa esportiva no Brasil coincide com o amadurecimento do futebol no país.

3.4 CARACTERÍSTICAS E PECULIARIDADES DO JORNALISMO ESPORTIVO

De acordo com Coelho (2006), a grande maioria dos profissionais do jornalismo esportivo já foi uma criança apaixonada por futebol e, mais precisamente, por algum time de futebol. Esse é um dos pontos fundamentais que diferencia o jornalista esportivo dos outros. Em outras editorias, é difícil achar um repórter que carrega uma paixão pelo tema com que trabalha desde tão cedo.

Por isso, Coelho acredita que os conhecimentos adquiridos desde a infância não devem ser deixados de lado pelos jornalistas de esporte. Pelo contrário: eles podem ajudar. Para ele, também não é nenhum demérito para o profissional declarar sua paixão clubística, desde que saiba o momento certo para fazê-lo e consiga deixar a preferência de lado na hora de escrever as matérias.

No caso do jornalismo, o menino deixa uma história muito mais bem formada do que a revelada pelo menino que se transforma em jornalista político ou da área econômica. Este aprende com o garoto de 12 anos os segredos do bom texto. Aprende com a leitura de livro bem escrito, com relato bem contado por algum parente paciente (COELHO, 2006, p. 40)

Coelho faz questão de lembrar que alguns jornalistas de destaque na cobertura esportiva não tiveram paixão de criança pelo futebol e que isso não o faz pior do que os outros profissionais. Inclusive, o autor afirma que o distanciamento pode até evitar equívocos gerados pela confiança do jornalista que convive com o esporte desde a infância.

Como o profissional da área esportiva trabalha com a paixão, isto pode levá-lo a ser mais opinativo do que deve, algo que só acontece, de acordo com Coelho, porque o repórter esportivo fica exposto a uma carga emocional muito intensa. Porém, em função da influência do futebol na cultura brasileira, esse é um risco calculado pelos veículos de comunicação.

O dia a dia de grande parte dos repórteres de esportes é nos próprios clubes de futebol, o que pode gerar uma aproximação inadequada com as fontes. Para evitar isso,

Maluly (2004) defende o uso de pautas bem construídas, que definam abordagens mais aprofundadas e orientem o jornalista.

Outra característica que difere o jornalista esportivo dos outros é a forma como ele é tratado pelos colegas de profissão e até mesmo por gente de fora do meio. Segundo Coelho, o repórter da área de esportes muitas vezes é discriminado dentro da própria redação, visto como simples palpiteiro.

Talvez não haja área do jornalismo tão sujeita a intempéries quanto a cobertura de esportes. O profissional enfrenta o preconceito dos próprios colegas, que consideram uma editoria menos importante, e também do público, que costuma tratar o comentarista ou repórter esportivo como mero palpiteiro (COELHO, 2006, contracapa)

Essa, no entanto, se revela uma visão muito limitada, uma vez que o jornalista esportivo precisa se especializar tanto quanto profissionais de outras áreas. A diferença é que, como o repórter de esportes lida com a emoção de torcedores, os valores-notícia e a forma como a notícia é construída são diferentes.

Em seu artigo *Cobertura esportiva na televisão: critérios de noticiabilidade na interface entre Jornalismo e Entretenimento*, Sousa cita duas particularidades do jornalismo esportivo: a maior atenção dada a histórias de interesse humano, com as notícias se enquadrando “como mais um fator de fuga e entretenimento em meio ao abundante fluxo informativo” (2010, p. 2); e a liberdade na linguagem e na formatação das notícias.

Leda Costa (2010, p. 66) caracteriza a imprensa esportiva como o espaço “onde a notícia se apresenta como entretenimento, o que significa dizer que seu objetivo principal é divertir, atingindo, os sentidos do público”. Como a emoção é elemento central na composição da notícia esportiva, entretenimento e informação se entrelaçam, em reportagens marcadas pelo excesso verbal, pelo uso de superlativos e adjetivos.

Bourdieu (1983) defende que essa forma de construção da notícia, porém, não deve ser observada apenas como reflexo do sentimentalismo e da emoção que estão

ligados aos esporte, mas também como estratégia narrativa adotada pela mídia para conquistar audiência.

A aproximação com o entretenimento, contudo, não significa que a cobertura esportiva deve ser desconsiderada enquanto atividade jornalística. A função de entreter na busca pelo público, ao invés de apenas informar, que é a função clássica do jornalismo, pode ser entendido como embate entre as forças do mercado.

4. METODOLOGIA DE ANÁLISE

Terminada a fundamentação teórica, explico, neste capítulo, os elementos metodológicos que usarei para analisar as matérias do *Correio Braziliense*, da *Folha de S.Paulo* e de *O Globo*. A escolha da análise de conteúdo como técnica para as análises será aprofundada a seguir, assim como o corpus da pesquisa, os elementos de pesquisa e o detalhamento dos passos.

4.1 ANÁLISE DE CONTEÚDO

A técnica de análise de conteúdo foi escolhida porque, através dela, é possível alcançar resultados quantitativos, como a frequência em que aparece determinado assunto e o número de fotos e/ou gráficos para ilustrar as matérias, e também qualitativos, como a tendência e a objetividade do texto do repórter. A psicóloga francesa Laurence Bardin, autora do livro *Análise de conteúdo* (1995), resume:

(...) é um método muito empírico, dependente do tipo de “fala” a que se dedica e do tipo de interpretação que pretende como objectivo. A técnica de análise de conteúdo adequada ao domínio e ao objectivo pretendidos, tem que ser reinventada a cada momento, excepto para usos simples e generalizados, como é o caso do escrutínio próximo da descodificação e de respostas a perguntas abertas de questionários cujo conteúdo é avaliado rapidamente por temas. (BARDIN, 1995, p.31)

Apesar de a autora não atuar no campo do jornalismo, ela defende que a análise de conteúdo de mensagens é uma técnica que pode ser aplicada a todas as formas de comunicação, seja qual for a natureza do seu suporte.

Segundo ela, são dois os principais objetivos da análise de conteúdo: a *ultrapassagem da incerteza* e o *enriquecimento da leitura*. A *ultrapassagem da incerteza* visa refletir se o ponto de vista de quem está analisando o texto está efetivamente contido na mensagem. Ou seja, não deixar dúvidas de que o que o

pesquisador vê na mensagem não é apenas uma visão pessoal, mas sim uma impressão que pode ser partilhada por outros.

O *enriquecimento da leitura*, por sua vez, pretende detalhar elementos que podem não ser vistos em uma primeira leitura ou em uma leitura sem aprofundamento. No caso deste trabalho, o aprofundamento (ou enriquecimento) será necessário para responder se as matérias de *O Globo*, *Folha de S.Paulo* e *Correio Braziliense* buscaram apenas informar o leitor sobre os jogos e o cotidiano da seleção argentina na Copa de 2010 ou se houve intenção de direcionar o texto.

Para uma análise adequada, Bardin divide a técnica de análise de conteúdo em três etapas distintas:

1) Pré-análise do objeto, na qual a pesquisa é sistematizada;

(...) esta primeira fase possui três missões: a escolha dos documentos a serem submetidos à análise, a formulação das hipóteses e objectivos e a elaboração de indicadores que fundamentem a interpretação final. (BARDIN, 1995, p. 95)

2) Exploração do material, na qual é realizada a análise dos dados. No caso deste trabalho, as matérias jornalísticas;

(...) a fase de análise propriamente dita não é mais do que a administração sistemática das decisões tomadas. (...) Esta fase, longa e fatidiosa, consiste essencialmente de operações de codificação. (BARDIN, 1995, p. 101)

3) Tratamento dos resultados: a inferência e a interpretação, na qual os dados são organizados e interpretados.

O analista, tendo à sua disposição resultados significativos e fiéis, pode então propor inferências e adiantar interpretações a propósito dos objectivos previstos, ou que digam respeito a outras descobertas inesperadas. (BARDIN, 1995, p. 101)

4.2 CORPUS DA PESQUISA

Para este trabalho, os jornais escolhidos foram *Correio Braziliense*, *Folha de S.Paulo* e *O Globo*, por serem três dos impressos mais influentes no Brasil. As matérias selecionadas para análise datam de 27 de maio de 2010 a 10 de julho de 2010. Antes de serem definidas essas datas, foram observadas todas as edições de cada um dos jornais entre os dias 22 de maio e 31 de julho de 2010, com o objetivo de abranger a pesquisa ao noticiário pré e pós Copa do Mundo, que durou de 11 de junho a 11 de julho.

Nesses 20 dias antes do início da competição, a primeira vez que a seleção argentina ganhou destaque na mídia brasileira foi no dia 27 de maio, depois que o técnico Maradona afirmou que ficaria pelado em frente a um dos pontos turísticos de Buenos Aires caso sua seleção fosse campeã do mundo. A partir daí, a cobertura da seleção da Argentina ficou mais frequente.

O término da análise se dá em datas diferentes em cada um dos jornais. No caso do *Correio Braziliense*, a última edição estudada foi a de 4 de julho de 2010, um dia após a eliminação da Argentina do torneio, nas quartas-de-final. Essa foi a data escolhida pois foi a última vez em que o jornal noticiou algo sobre a seleção de Maradona.

Na *Folha de S.Paulo*, a última notícia relacionada à seleção argentina foi publicada no dia 10 de julho, depois que Messi foi avistado com a namorada em uma praia do Rio de Janeiro, durante suas férias.

Por fim, a última edição analisada de *O Globo* foi a de 5 de julho daquele ano, dois dias após a eliminação da seleção alviceleste. A matéria fala da volta da seleção à Argentina e da recepção calorosa dos torcedores.

5. ANÁLISE DOS JORNAIS

Nesta parte do trabalho, será feita a análise das edições dos jornais em três etapas diferentes. Na primeira, serão destrinchadas as matérias dos três jornais no período anterior ao primeiro jogo da seleção argentina. Na segunda, será a vez de as matérias publicadas entre o primeiro jogo e a eliminação do grupo argentino serem analisadas. Por último, serão detalhadas as matérias publicadas após a eliminação da seleção de Maradona do torneio.

5.1 A PREPARAÇÃO

A abertura da Copa do Mundo de 2010 aconteceu no dia 11 de junho, uma sexta-feira. O primeiro jogo da seleção da Argentina, no entanto, só foi disputado no dia seguinte, 12 de junho, contra a seleção da Nigéria. Portanto, nessa etapa serão consideradas matérias publicadas entre 27 de maio e 12 de junho. As análises serão feitas separadamente, jornal por jornal.

5.1.1 *Correio Braziliense*

Essa primeira parte da cobertura *do Correio Braziliense* é bem direta e informativa, sem mostrar tendência alguma de torcida contra a Argentina, e com foco na liderança de Maradona, que é descrito como um bom líder.

A seleção argentina é mencionada pela primeira vez antes do início da Copa no dia 27 de maio, com uma pequena nota na seção “Pílulas da África”. Em apenas sete linhas, o texto intitulado “Sexo, nudez e Maradona” noticia algumas declarações do técnico Diego Armando Maradona, que prometera desfilar pelado no centro da capital Buenos Aires, caso sua seleção vencesse o Mundial. O fato de Maradona ter liberado

sexo para os atletas durante as concentrações também é mencionado no texto, que não usa de adjetivação e não causa alarde quanto ao assunto.

No dia seguinte, a matéria “Dunga alfineta Maradona” faz uma comparação entre as posturas adotadas por Maradona e Dunga, então técnico da seleção brasileira. Enquanto o primeiro não via problemas em seus jogadores terem relações sexuais durante o torneio, o segundo preferia vetar a ação no seu grupo. O texto também é direto e não há uma exaltação da seleção do Brasil em relação à da Argentina. Destaque por ser a primeira vez que as palavras “Hermano” e “Dieguito” aparecem.

No dia 31, a seleção argentina ganha uma grande matéria, de página inteira, pela primeira vez. O material produzido pelo repórter Marcos Paulo Lima conta em detalhes como a seleção de Maradona estava se blindando da imprensa. O título “Visitamos o quartel de Maradona”, ao lado da linha fina “D10S manda a polícia correr atrás de quem filma ou tira foto na porta do QG da Argentina. Imprensa portenha elogia tratamento de Dunga e se espalha pela cidade em busca do que fazer”, mostra uma figura ímpar entre os personagens do torneio, com atitudes que atiçavam a curiosidade dos repórteres, como citado no texto.

A fotografia utilizada para ilustrar a matéria, tirada de baixo para cima e com Maradona tampando a boca, ajuda a formar uma imagem de grande líder em torno do técnico. A comparação com Dunga mais uma vez aparece, dessa vez elogiando, através de aspas, a atitude do comandante brasileiro, que permitia que dois jogadores falassem com a imprensa por dia. Interessante notar também o uso da palavra D10S (Deus) para se referir ao técnico argentino. Ela seria empregada diversas outras vezes dali em diante.

Alguns dias depois, em 3 de junho, o assunto volta à pauta com a matéria “D10S blinda Messi”, exaltando o tratamento que Maradona dava ao melhor jogador do mundo na época. Para mostrar que esse isolamento do jogador era positivo, o texto compara a situação àquela vivida por Ronaldinho Gaúcho na Copa de 2006, quando os treinos da seleção brasileira foram abertos ao público e contaram com muita festa, fatos que teriam atrapalhado o rendimento de Ronaldinho, também melhor jogador do mundo à época.

Nos dias 4 e 7 de junho, Messi volta a ser assunto em duas pequenas notas na seção “Pílulas da África”. A primeira informa sobre uma declaração de Messi, na qual ele afirma que a seleção argentina é a melhor da Copa, pelo menos no papel. Na outra,

foi destacada a fama do jogador, que foi o mais assediado durante o primeiro treino da Argentina aberto para o público.

No dia 8 de junho, os argentinos voltam ao jornal, mas não por causa da seleção, e sim porque dez torcedores foram proibidos de entrar na África do Sul para acompanhar o Mundial, uma vez que tinham ficha criminal na Argentina.

A dois dias da estreia da Argentina no Mundial, então, foi publicada a primeira matéria com informações sobre o jogo e com a possível escalação da equipe de Maradona. A foto do técnico chutando uma bola ao lado do título “Maradona assume o risco” pinta a imagem de um treinador confiante, que entraria no jogo com apenas três zagueiros e colocaria o time para pressionar a Nigéria. O texto trazia também boa discussão tática.

Na véspera da partida inaugural, o destaque foi para Messi. A matéria “Esforço para brilhar” se baseava em diversos dados para mostrar que o jogador do Barcelona teria que se superar para conseguir levar sua seleção ao título. O texto começa afirmando que Messi é um gênio, mas não deixa de falar que sua fama é de fracassar na seleção. Em momento algum, entretanto, é mostrada alguma tendência de torcer contra a Argentina ou a favor da Nigéria.

A primeira capa do *Super Esportes* dedicada à seleção argentina é a de 12 de junho, data da estreia alviceleste na competição. A chamada “Dia de D10S e seu MESSIas” mostram um reconhecimento de que os dois são duas das figuras mais importantes da história do futebol mundial. A foto de um Messi com olhar fixo, no entanto, deixa no ar a dúvida se essa dupla vai realmente dar certo.

Na linha fina, o jornal usa a palavra controvertido para se referir ao técnico, depois que ele “acusou o Rei Pelé, o maior de todos os tempos, (...) de ter ‘secado’ a Copa sul-africana”. A afirmação de que Pelé é o maior de todos os tempos, em destaque, logo abaixo do título que chama Maradona de D10S soa como uma lembrança de que o argentino é bom, mas não é o melhor. Pela primeira vez, aparece no *Correio* uma espécie de “cutucada”.

Dentro do jornal, duas páginas são dedicadas ao pré-jogo. O foco é em Maradona, que aparece na foto principal fazendo pose e segurando a bola da Copa. O título da matéria é “O dono da bola”, mais uma vez exaltando Maradona como principal

figura do torneio e líder de uma seleção que passou de desacreditada a favorita em alguns dias. De novo, o fracasso da seleção nas últimas edições da Copa são lembrados, mas apenas como dado histórico.

A provocação à seleção da Argentina só aparece no quadro humorístico do jornal, que conta com o personagem Gandula, um palpiteiro de plantão. Sobre o jogo da Argentina, ele escreve: “Argentina 0x3 Nigéria. Show dos nigerianos com direito a expulsão do Messi. Contagem regressiva para a saída dos hermanos da Copa.”

5.1.2 *Folha de S.Paulo*

Na *Folha de S.Paulo*, é perceptível o grande uso de linguagem adjetivada nas matérias sobre a seleção Argentina. Apesar de títulos e linhas finas das matérias indicarem um discurso levemente anti-Argentina, a leitura completa dos textos permite observar uma cobertura mais sóbria e não-tendenciosa.

No caderno de esportes da *Folha de S.Paulo*, a declaração de Maradona de que andaria pelado no centro de Buenos Aires, caso vencesse a Copa, ganhou bem mais espaço do que no *Correio Braziliense*, com matéria de tamanho médio. No texto, uma linguagem adjetivada descreve Maradona como um técnico liberal e imprevisível, exatamente o oposto de Dunga, que acaba sendo o alvo de críticas na matéria. As frases escolhidas para a construção do texto, como “o sexo faz parte da vida social” e “não se pode negar por mais de um mês um churrasco, um copo de vinho e um doce de leite” evidenciam o posicionamento favorável do jornal quanto à medida do treinador argentino.

Cinco dias depois, em 2 de junho, a matéria “Baderneiros argentinos vão à Copa” fala dos torcedores barrados na África do Sul. Mais uma vez, o jornal optou por usar linguagem adjetivada. Dessa vez, porém, um discurso anti-Argentina apareceu. Logo na linha fina da matéria, a reportagem ligou os torcedores barrados ao técnico Maradona: “ ‘Barras bravas’ chegam a Pretória com suposto apoio de Maradona.”

No dia 4 de junho, Messi ganhou destaque no jornal paulista pela primeira vez. O jogador ganhou também seu primeiro adjetivo: “bibelô”. Na matéria, que fala sobre o

primeiro treino aberto da seleção argentina, o jornalista Rodrigo Mattos descreve o então melhor do mundo como um super protegido, que se poupava até nos treinos para não se machucar. Apesar de passar uma impressão ruim, de que o jogador é fresco e pode quebrar a qualquer toque, a matéria se rende ao talento de Messi no final: “Mas não há como tirar os olhos de Messi. (...) Vale a pena mesmo que por uma fresta”.

Três dias depois, em 7 de junho, foi a vez de Maradona ganhar a manchete e ser considerado o centro das atenções da equipe argentina. Em matéria sobre o primeiro treino aberto da seleção alviceleste, torcedores argentinos foram entrevistados falando sobre a idolatria por Diego Maradona.

O treinador foi destaque também das duas matérias seguintes que saíram sobre a seleção argentina, nos dias 10 e 12 de junho. A primeira falava sobre a provável formação da Argentina para o jogo contra a Nigéria, com destaque para a ousadia de Maradona, ao escalar um time ofensivo. A segunda, já no dia da partida de estreia, “acusa” Maradona de tomar o espaço dos atletas. Mas a “acusação” fica só no título. No texto, o repórter Rodrigo Mattos explica que tomar o espaço dos atletas era um ponto positivo para a seleção argentina, que teria seus jogadores protegidos e mais tranquilos para trabalhar. Destaque também para o uso de adjetivação mais uma vez, na linha fina: “Excentricidades do técnico da Argentina marcam seu retorno a uma Copa após 16 anos, hoje, contra a Nigéria”.

Diferentemente da matéria do *Correio Braziliense*, essa da *Folha de S.Paulo* abordou menos as escolhas táticas de Maradona e concentrou-se nos métodos de treino do técnico. Curiosamente, a foto escolhida para a página é do grupo nigeriano, apesar de a Argentina ser a principal citada no texto.

5.1.3 O Globo

O jornal *O Globo* apostou em uma abordagem bem diferente daquelas escolhidas por *Correio Braziliense* e *Folha de S.Paulo* e adotou uma postura claramente anti-Argentina desde o início da cobertura.

O primeiro destaque envolvendo a seleção argentina no jornal carioca é um bom exemplo disso. Enquanto *Correio* e *Folha* não deram muita importância para a declaração de Maradona sobre andar pelado em Buenos Aires, em caso de título, *O Globo* estampou na capa do caderno de esportes a manchete “Mais uma das 1000 razões para torcer contra a Argentina”.

Dentro do jornal, o texto enfatizava a personalidade polêmica do treinador, enquanto a fotografia escolhida para ilustrar a matéria sutilmente ridicularizava Maradona, que aparecia com as duas mãos sobre a cabeça, como se estivesse dançando.

No dia 30 de maio, o jornal reafirmou sua postura ao colocar mais uma foto feia de Maradona na capa do caderno de esportes. Ao lado, a manchete “Dor na chegada”, com a primeira palavra realçada, se referia a uma possível dor de dente do treinador. Na linha fina, Maradona ganhou mais uma característica: “Logo depois do desembarque, Maradona, mal-humorado, teve de procurar atendimento de emergência numa clínica dentária”.

No texto, o repórter Pedro Motta Gueiros aproveita uma frase do dentista que atendeu Maradona para realçar a rivalidade com a Argentina: “Ele chegou calado, não sei se por estar irritado ou por ser argentino”.

Quatro dias depois, foi a vez de Messi estampar a capa do caderno de esportes do jornal, evidenciando que o valor-notícia da seleção argentina era muito maior para *O Globo* do que para os outros jornais analisados. Nessa primeira parte da cobertura, o *Correio* deu uma capa com a seleção argentina, na véspera do primeiro jogo da equipe, e a *Folha* não deu nenhuma. *O Globo*, por sua vez, deu três.

Nessa matéria, porém, fica claro que o principal alvo do jornal é Maradona. Quando o assunto é Messi, o texto foca nos elogios. Com frases pontuais do discurso do jogador, o texto é bem direto para explicar porque Messi acha o conjunto da Argentina o melhor do mundo. No fim, contudo, o autor do texto, Pedro Motta Gueiros, não perde a oportunidade de resgatar uma má imagem de Maradona:

Ao contrário dos arroubos de Maradona, que prometeu ficar nu em caso de conquista, Messi cobriu-se de cuidados ao dizer que não prometeria nada. Ex-viciado em cocaína, que enfrentou

publicamente o seu drama em nome das filhas, Maradona tem autoridade moral flexível sobre a nova família. (GUEIROS, P. *Dor na chegada*. O Globo, Rio de Janeiro: 30 mai. 2010. O Globo Esportes, p. 1)

No dia 9 de junho, o incidente com os torcedores barrabravas foi tratado de maneira séria e objetiva pelo jornal. Ainda assim, é interessante notar que O Globo foi o único dos três jornais analisados que usou o termo *hooligans* para definir os torcedores barrados na África do Sul. A palavra ficou famosa na década de 1980 na Inglaterra, por conta de torcedores fanáticos que provocavam brigas entre eles. Desordem e vandalismo são características associadas ao hooliganismo.

Depois disso, destaque para as três matérias publicadas acerca da Argentina no dia 12 de junho, data da estreia alviceleste no torneio. Em uma delas, apareceu a típica análise antes de jogos, com as prováveis escalasções, declarações de jogadores e técnico falando das expectativas. Nas duas outras, contudo, o teor foi a rivalidade entre Brasil e Argentina, que não recebeu atenção especial nos outros dois jornais analisados.

Até quando o tema principal do texto não era a seleção argentina, e sim uma entrevista com o atacante brasileiro Luís Fabiano, o texto do jornal chamou atenção para a rivalidade, como comprova a linha fina da matéria “A seleção brasileira é um jato que está voando baixo”: “Confiante, apesar dos cinco jogos sem marcar, Luís Fabiano contesta argentinos e diz que time está pronto para o Mundial”.

5.2 OS JOGOS

Durante o torneio, a seleção Argentina disputou cinco jogos até sua eliminação, na fase de quartas-de-final. Os adversários da fase de grupos foram Nigéria (12 de junho), Coreia do Sul (17 de junho) e Grécia (22 de junho). Nas oitavas-de-final, a equipe de Maradona jogou contra o México (27 de junho) e, por fim, foi eliminada ante a Alemanha, nas quartas-de-final (3 de julho). Então, essa parte da análise observará matérias publicadas entre 13 de junho, um dia após a primeira partida, e 3 de julho, dia

da última partida da seleção Argentina na Copa. As matéria publicadas no dia seguinte à eliminação serão detalhadas na última parte da análise, denominada *A Eliminação*.

5.2.1 *Correio Braziliense*

A estreia da seleção argentina na Copa 2010 foi com vitória por 1 a 0 sobre a Nigéria. No dia seguinte, o *Correio Braziliense* preencheu duas páginas do caderno de esportes com notícias relativas ao jogo. A principal, sobre a partida em si, foi intitulada “Cabe processo, Guardiola!”, referindo-se à maneira como o Barcelona, treinado por Guardiola e que tinha como principal jogador Lionel Messi, influenciou Maradona na montagem do time argentino.

No texto, o repórter Marcos Paulo Lima exaltou as qualidades de Messi, melhor jogador da partida, mas observou que o restante da equipe não estava à sua altura e, por isso, o time só venceu por 1 a 0. Com referências e clareza, o texto foi objetivo ao analisar a partida e passar aos leitores as qualidades e os defeitos da seleção argentina no primeiro jogo.

Destaque para as três matérias secundárias da página. Em uma delas, o texto exaltou Messi não só como grande jogador, mas também como figura correta e solícita fora de campo. Para explicar o porquê de o craque não ter feito gols contra Nigéria, foi usada a palavra “sobrenatural” para definir a boa atuação do goleiro nigeriano, Enyeama. Ou seja, Messi só não fez gol porque algo fora do natural ocorreu. Aspas do próprio jogador e de seu companheiro Verón dizendo essas coisas encorpam o texto.

O técnico Maradona também mereceu matéria só para si. Em três parágrafos e com uma sequência de fotos, o texto detalha as atitudes e trejeitos do treinador, que foi considerado um show à parte. Na última das três matérias secundárias, o *Correio Braziliense* fez matéria que nenhum dos outros três jornais analisados fez: sobre um grupo de argentinos que morava em Brasília e se reuniu para assistir ao jogo. A matéria não tem foto, mas descreve a felicidade dos torcedores com a vitória da seleção de seu país, sem estereótipos ou intenção de torcer contra.

No período entre 14 e 17 de junho, apenas três matérias foram publicadas sobre a Argentina. Só no dia 15, nada foi citado sobre a seleção. Nas matérias dos dias 14 e 16

de junho, foi destaque a carisma de dois personagens da seleção: Maradona e Tévez. Em “Maradona versão paz e amor”, o técnico é descrito como brincalhão e patriótico, mas não em um nível que possa fazer mal à seleção. A matéria compara seu estilo ao do treinador brasileiro Dunga.

Brincalhão, ele acenou para os repórteres e, após o treino, fez questão de abraçar e beijar cada um de seus jogadores e assistentes. O sentimento patriótico do ex-jogador é notório, mas nada que se aproxime do ufanismo de Dunga, que trata seus comandados como se fosse um exército.

Em um quadro intitulado “Saiba mais”, a reportagem ainda destaca a relação amistosa do treinador com a imprensa argentina, que antes da Copa era ruim, mas após o início da competição passou a ser de parceria. Era mais uma clara alfinetada ao modo como Dunga conduzia seu trabalho perante a imprensa.

No dia 16, o personagem exaltado é Carlos Tévez. Na matéria “Carisma em alta”, a repórter Ludymilla Sá conta um pouco da história do jogador e explica o motivo de, apesar de não ser o melhor do mundo – caso de Messi -, ele é o mais adorado por sua torcida.

Em 17 de junho, dia da segunda partida da seleção argentina na Copa do Mundo, o *Correio Braziliense* reservou pouco espaço para falar sobre o jogo: meia página. A matéria “Oitavas à vista”, que no subtítulo falava da possibilidade de a Argentina avançar de fase já naquele dia, dependendo do resultado do outro jogo do grupo, abordou a escalação da equipe e detalhes da última entrevista coletiva de Maradona antes da partida. Interessante notar que pela primeira vez o *Correio* usou o termo “hermanos” para se referir aos argentinos.

Já no dia seguinte, após a vitória por 4 a 1 sobre a Coreia do Sul, o espaço para falar sobre o jogo foi amplo. Na capa, toda trabalhada nas cores da bandeira da Argentina, o título “Enfim, magia” antecipa as matérias exaltando a atuação do time de Maradona. Ainda na capa, a chamada exalta outra boa partida de Messi e usa o termo “exuberante” para definir a atuação do grupo argentino.

O texto da matéria principal do caderno, “Nos braços da galera”, mostra-se bem sóbrio, analisando o jogo argentino e falando das principais jogadas da partida. Nota-se,

porém, uma preferência a se destacar o positivo, como deixa claro o sutiã da reportagem: “Futebol envolvente, superação de Higuaín e goleada da Argentina ofuscam problemas no setor defensivo e acendem sinal de alerta nos futuros rivais”. Os problemas defensivos sequer são citados no corpo da matéria e o repórter Lucas Fitipaldi prefere dar espaço para analisar as boas atuações de Messi, Tévez, Dí Maria e Higuaín. No final, ainda sobrou espaço para mais uma provocação ao estilo de Dunga e mais uma exaltação ao futebol argentino:

Se os alunos de Dunga têm procurado seguir à risca o estilo operário do comandante, os de Maradona se mostram fiéis à arte do professor. Neste caso, a desvantagem é toda nossa.

Duas matérias menores e um resumo com as manchetes dos principais jornais do mundo completam o conteúdo dessa página dupla. Na primeira, intitulada “Não adiantou secar”, o repórter relata a presença de brasileiros no estádio do jogo para torcer contra a Argentina e conclui, mais uma vez exaltando o grupo argentino, que os brasileiros deviam ficar preocupados.

Quem decidiu pagar ingresso e ver de perto o time de Maradona só pode ter saído do estádio com um dos sentimentos: feliz por ter presenciado uma bela exibição ofensiva ou incomodado pelo entusiasmo dos Hermanos. Talvez com ambos.

Na outra matéria, “Orgulho de ser argentino”, o jornal mostra uma cobertura mais local ao falar da partida na visão de um argentino que mora em Brasília. É o único lugar da página onde se fala dos defeitos da zaga argentina, citada no sutiã da matéria principal, e, ainda assim é um defeito que só é lembrado em uma declaração do torcedor argentino, que diz não confiar na defesa de sua seleção. A pouca de atenção dada para os problemas defensivos da seleção de Maradona evidenciam uma cobertura entusiasmada com a seleção argentina por parte do jornal. Preferindo destacar os pontos positivos do time, a publicação deixa de falar o que seria o principal problema da Argentina na Copa e a levaria à eliminação nas quartas de final posteriormente.

Após o segundo jogo, Maradona continuou sendo o principal personagem nos noticiários sobre a seleção argentina. No dia 20, “Ao mestre, com carinho” é mais uma reportagem que detalha as atitudes de Maradona em um treinamento da equipe. No sutiã

da matéria, ele é apontado como unanimidade entre os jogadores e no corpo da matéria a repórter conta como o ex-jogador age e incentiva seus comandados.

Maradona fala dos seus 23 jogadores lutando para entrar no gramado da Copa do Mundo. Assistindo ao treinamento, é óbvio que não são palavras vazias. Ele mantém todos os 23, até o terceiro goleiro Pozo, na mão. Os constantes “bom, muito bem, mais” que trouxeram críticas durante as Eliminatórias porque faziam parecer que tudo ia bem, é apenas parte de seus poderes de motivação. “Mostrar minha afeição pelos jogadores é minha forma de agradecê-los pelo trabalho realizado. Montamos um grupo sensacional”, diz El Pibe.

No dia da terceira e última partida da seleção argentina pela fase de grupos da competição, contra a Grécia, Maradona é de novo o foco da reportagem. Com uma foto do treinador ajeitando seus óculos escuros, a matéria “Quanta marra, Dieguito!” aborda a confiança do técnico, que optou por poupar diversos titulares, uma vez que a classificação já estava praticamente garantida.

Após o jogo, no dia 23 de junho, a matéria “Mistão não decepciona” destaca outra boa atuação da seleção argentina, mesmo não contando com todos os titulares em campo. Na página, outra matéria com argentinos moradores de Brasília dão valor mais local ao assunto e evidenciam a confiança dos argentinos na seleção de Maradona.

No dia 24, após confirmada a classificação para a fase de mata-mata da Copa do Mundo, o Correio volta a abordar a fragilidade da defesa argentina na matéria “ ‘É passar ou morrer’”, mas, mais uma vez, sem dar a importância necessária ao assunto e preferindo exaltar o poder de fogo da seleção, novamente,

Sobram críticas à defesa da Argentina antes mesmo de a Copa do Mundo começar. Sobretudo em razão do número de atacantes convocados pelo técnico Diego Maradona. Mas, devido à qualidade ofensiva do time, o setor defensivo só foi notado após tomar um gol infantil da Coreia do Sul na fase classificatória. Aliás, o único sofrido em três partidas. (...) “Muitas pessoas acreditam que estamos sem equilíbrio, mas isso é um benefício para nós, já que, se temos quatro ou cinco jogadores no campo adversário, eles precisam se defender mais e vão nos atacar menos”, justifica Mascherano.

Depois disso, a seleção só volta a ganhar maior destaque já no dia da partida contra o México. No dia 27, o Correio desafia: “Hora de provar o favoritismo”. Em uma página com pouco texto, a reportagem aponta a Argentina como uma das favoritas ao título, por causa do bom futebol exibido até ali, e detalha algumas entrevistas de jogadores antes do jogo decisivo. Na página ao lado, mais uma vez Maradona é destaque, com foto enorme e pequena matéria sobre suas superstições.

Após a vitória sobre o México e a passagem para as quartas de final do torneio, o Correio pela primeira vez publicou matéria mais agressiva sobre a seleção argentina, apontando a partida contra o México como roubada. O título e o subtítulo são alarmantes: “Bastidores de um roubo sem censura” e “Trapalhada do ‘editor’ do telão do Soccer City no gol em impedimento de Tévez deflagra revolta do México. Apito amigo italiano abre caminho para choque de campeões mundiais entre Argentina e Alemanha nas quartas de final”.

No corpo da matéria, no entanto, a crítica maior é à postura da Fifa, que não sabia como lidar com os replays no telão do estádio e, mais uma vez, fez confusão, após jogada polêmica no gol argentino.

Contrária à utilização e imagens para definir lances duvidosos, o órgão autoriza a utilização de telões em todas as arenas da Copa do Mundo. No entanto, quando ocorre um erro gravíssimo como o do árbitro Roberto Rosetti e seu auxiliar número 2, Stefano Ayroldi, no gol em impedimento de Tévez, a censura é imediata. Ou a tevê sai do ar ou não replay. Não foi assim ontem, na vitória merecida, mas polêmica, da Argentina sobre o México. (...) Por um deslize, o responsável pelos botões esqueceu de editar a verdade no gol de Tévez. Enquanto o atacante comemorava o gol próximo à beira do gramado, o México preparava a saída de bola. De repente, o zagueiro e capitão Rafa Márquez partiu para cima do juiz e do bandeira apontando para o telão, que exibia além do replay, um tira-teima flagrante de impedimento. Perplexo, Roberto Rosetti consultou o auxiliar rodeado por todos os jogadores. No meio do tumulto, Stefano Ayroldi foi macho o suficiente para manter o que os olhos dele viram (ou não) e validar o gol

Logo depois, o repórter Marcos Paulo Lima relata que, apesar do erro do juiz, a Argentina foi merecedora da vitória, adotando um tom bem mais ameno do que o do título da matéria. No fim, ele faz a melhor análise do jornal sobre a seleção argentina até

ali, mudando o discurso otimista que a publicação vinha tendo sobre a equipe de Maradona:

(...) porque os 11 de Maradona ainda não formam um time, como a Alemanha, sua próxima adversária. Sobrevive da inspiração de Messi, da raça de Tévez e da presença de área de Higuaín. E por que a Argentina ainda não é um time? Os 11 não jogam de forma compacta. Falta harmonia entre os setores da equipe

Já no dia 29, o jornal publicou boa análise sobre as duas seleções que se enfrentariam nas quartas de final, Alemanha e Argentina. “Ataques fulminantes, defesas vulneráveis” descrevia as semelhanças das duas equipes, mais uma vez tocando na maior fragilidade argentina. Maradona ocupava a maior foto da página de novo e tinha mais espaço em uma matéria menor, na qual era lembrado um episódio em que o treinador argentino se recusou a participar de uma entrevista coletiva ao lado de Thomas Muller, jovem jogador alemão. O Maradona brincalhão, paizão e simpático que apareceu nos primeiros dias de cobertura estava sumindo do noticiário e agora aparecia mais frequentemente relacionado à ocorrências negativas de sua carreira.

Na matéria “Messi ainda não é unanimidade”, do dia 30 de junho, Maradona aparece mais uma vez como “vilão”. O texto explica que a imprensa argentina não estava satisfeita com o rendimento de Messi e culpava Maradona por isso.

Para parte da imprensa argentina, Messi ainda não rendeu o que pode porque Maradona desistiu de escalá-lo na posição em que joga no seu clube. Em 2009, o comandante disse que seria uma burrice aproveitar o craque em outro setor. “Creio que o melhor para ele seja ocupar o mesmo espaço do Barcelona, pela direita, onde se sente mais confortável”, revelou Maradona, pouco depois de assumir a equipe.

A desconfiança sobre Maradona volta a aparecer no dia 1º de julho, quando a matéria “Maradona não sabe quem usar” questiona se Maradona sabe o que está fazendo, uma vez que ainda não tinha repetido a escalação da equipe nenhuma vez até ali. No dia seguinte, as dúvidas de Maradona foram assunto novamente, dessa vez em uma declaração do ex-jogador Lothar Matthaus sobre o argentino, em um subtítulo da matéria “Rivalidade histórica cada vez mais quente”.

O ex-jogador alemão Lothar Matthäus, que marcou Maradona nas finais de 1986 e 1990, criticou o comando do argentino. “Maradona não tem um sistema definido. Ele confia nas qualidades individuais. Acho que isso não é suficiente contra uma equipe alemã segura e que atua de forma compacta”, disse a uma revista de seu país.

Em 3 de julho, um dia antes do grande jogo contra a Alemanha, o alvo foi Messi. A reportagem “Dia D para Messi” mostrava a pressão que a imprensa argentina fazia sobre o jogador, que ainda não tinha jogado seu melhor futebol durante a Copa. Na foto da matéria, Messi aparece em primeiro plano e Maradona no fundo, desfocado: “A sombra de Maradona: pressão para que Messi comande a seleção argentina é enorme no país vizinho”, dizia a legenda.

Destaque também para mais uma boa matéria local do jornal, que conversou com três jovens brasileiros que preferiam torcer pela Argentina, por razões diversas. O texto brincou com a rivalidade, mas sem apelas para estereótipos.

A Argentina perdeu para a Alemanha nas quartas de final e foi eliminada. O noticiário pós-jogo e, conseqüentemente, pós-eliminação será analisado na próxima parte do trabalho.

5.2.2 Folha de S.Paulo

Entre os dias 13 de junho e 3 de julho, a *Folha de S.Paulo* publicou 27 matérias, pequenas, médias ou grandes, sobre a seleção argentina. Assim como na cobertura do *Correio Braziliense*, o jornal paulista abusa da figura de Maradona. Das 27 matérias publicadas sobre a Argentina nesse período, em 10 delas Maradona é o protagonista e aparece com seu nome já no título.

No dia 13, logo após a vitória na primeira partida, contra a Nigéria, o foco estava voltado para Messi, que fez uma boa estreia e mereceu a capa do caderno de esportes daquele dia, com o título “Dia de Messi”. Nas páginas internas, a matéria sobre o jogo também exalta o craque argentino no título: “Nigéria cai ante o Messi do Barcelona”, referindo-se às boas atuações do jogador pelo seu clube. Ainda assim, Maradona ganhou uma matéria menor apenas para falar sobre o comportamento do técnico à beira do campo. Nenhum detalhe ficou de fora do relato, que foi acompanhado de uma foto do

treinador com cara fechada. “Outro afago no técnico foi um tapa na bunda de Ayegbeni, em cobrança lateral.”

Três dias depois, o treinador voltaria a ser assunto principal em “Maradona muda foco em treino”, sobre a visita da então candidata ao Nobel ao treino da seleção argentina. Destaque para a foto escolhida para a matéria, na qual Maradona aparece ajoelhado e com as mãos unidas. A legenda não perde tempo e o chama de “boca suja”:

Boca suja: Maradona brinca com um jornalista no treino em Pretória; “Por favor, tire essa merda”, disse, referindo-se ao casaco de um repórter.

No dia 17, Maradona ganha espaço já na capa do caderno de esportes do jornal, com a chamada “Só dá ele” e um subtítulo apontando o treinador como maior personagem do Mundial até aquele momento. Na matéria “Reality Maradona Show”, o texto detalha as características e atitudes do treinador durante os treinos e coletivas de imprensa, passando, pela primeira vez, a imagem de um sujeito simpático.

A própria imprensa argentina, que o bombardeou de críticas durante as eliminatórias sul-americanas, parece ter se rendido ao astro, adotando uma atitude quase unânime de apoio e otimismo. Em retribuição, o treinador brinda os jornalistas compatriotas com tiradas espirituosas, gestos histriônicos e tratamento afetuoso. Na coletiva de ontem, por exemplo, puxou um coro de “parabéns a você” ao ser informado que um veterano cronista fazia aniversário.

Diferentemente do que fazia o *Correio Braziliense* nas primeiras matérias sobre Maradona, a publicação da *Folha de S.Paulo* termina o texto com dúvidas no ar.

O carisma de Maradona é uma faca de dois gumes. “Na Argentina, há uma ideia generalizada de que Maradona torna tudo possível”, pondera Lagares. “Há um imaginário popular no qual Maradona continua instalado como jogador. Então, aparecem essas fantasias, esses pensamentos mágicos de crer que com Maradona tudo se resolve. Mas não é assim, claro.” O temor dois mais lúcidos é que essa união em torno de Maradona desmorone ao primeiro revés do time, dada a personalidade vulcânica do ex-atleta. Afinal, com Don Diego é tudo ou nada, céu ou inferno, sem escalas.

No dia 18, após a segunda vitória da seleção argentina, contra a Coreia do Sul, o otimismo em relação ao time argentino cresceu. Na capa do caderno, Messi e Higuain são destacados como líderes na vitória e o título “Implacável” dá força ao grupo de Maradona. Nas páginas internas, o jogo coletivo, tracionado por outra boa atuação de Messi, é o assunto principal. O otimismo é mostrado também com discursos dos jogadores e do técnico na matéria “Jogadores já veem sua seleção em crescimento e ‘implacável’”.

No dia 22, então, data da partida contra a Grécia, a última pela fase de grupos, Maradona volta a ser personagem principal. Em matéria de página dupla, com foto enorme e fechada no olhar do treinador, mais uma matéria sobre as atitudes e estratégias do técnico para blindar seu grupo de jogadores. A reportagem chama de “teatro maradoniano”.

O discurso ensaiado virou uma regra na seleção argentina. Faz parte de um “teatro maradoniano” que só deixa o técnico como responsável por formatar a imagem do seu time durante o mundial. Os atletas argentinos evitam opinar sobre times, adversários, sobre qual a melhor função para atuar ou sobre suas chances de título. É Maradona que diz que a Itália é uma “confusão”, a França, uma “desilusão”, e o Brasil, o grande favorito.

Interessante notar que, no dia do jogo, o espaço reservado para falar sobre a partida em si, é menor do que o para falar de Maradona. As escalações e estatísticas sobre o jogo que aconteceria logo mais ficam espremidas em apenas uma coluna da página dupla.

No dia seguinte, há uma matéria maior para análise do jogo contra a Grécia, mas a chamada de capa não é para ela, e sim para uma reportagem sobre a superexposição dos técnicos na Copa do Mundo, que tem como personagens principais Dunga e Maradona. O conteúdo do texto, porém, evita comparações entre os dois técnicos, algo que foi comum na cobertura do *Correio Braziliense*, jornal que tinha maior apreço pelas atitudes de Maradona.

No mesmo dia, porém, a *Folha* traz matéria sobre os brasileiros que foram batizados com o nome Diego Maradona. E, diferente do que fez o *Correio* nesse tipo de reportagem, adotou um discurso que reforça as rivalidades, a começar pelo uso da

palavra “sofrem” no título. “Maradonas do Brasil sofrem pelo original” dá a entender que eles têm problemas na vida por causa do nome. O texto reforça essa ideia ao optar por colocar na matéria as aspas que dizem exatamente isso, enquanto poderiam ter puxado para o outro lado, perguntando se eles gostavam do nome e tinha virado fãs do Maradona de alguma maneira.

Nascido após a conquista argentina da Copa de 86, o alagoano Diego Maradona Barros Gomes, 23, conta que até o sogro faz piadas com ele. “Ele diz: ‘Esse é o meu genro, Diego Maradona, torce para a Argentina. Tem até Che Guevara no braço’. Fica difícil gostarem de mim”, lamenta o estudante de direito.

No dia 26, Maradona volta a ser assunto na matéria “Maradona ensaia a sua democracia”, na qual o treinado é pintado como um falso democrata e egocêntrico.

Defensor da ditadura cubana, Diego Maradona implantou uma “democracia” à frente da Argentina. Tem ouvido várias vozes antes de tomar decisões sobre o time. (...) Apesar da “democracia” vivida entre os argentinos, o técnico não abre mão de ser a estrela. Ao explicar como escolhiam as jogadas ensaiadas, declarou que assistia a vídeos dos adversários com seus auxiliares. E que todos dão ideias. Mas que aquelas que têm maior destaque costumam sair de sua cabeça.

Um dia depois, a matéria “Maradona resgata a autoconfiança argentina” volta a mostrar a importância de Maradona para o bom momento da seleção da Argentina e balanceia um pouco a imagem construída do treinador no dia anterior. Até a foto da matéria é mais favorável ao ex-craque, que aparece sorrindo pela primeira vez nas páginas do jornal paulista, acompanhado de uma legenda amistosa: “Técnico pula grade para abraçar colega”.

Nessa mesma edição, que é a do dia da partida das oitavas de final contra o México, Lionel Messi também ganha destaque, com matéria de página dupla. Os números do jogador do Barcelona são exaltados e ele é apontado pela reportagem como o melhor jogador do Mundial até ali. O subtítulo da matéria diz “Arranques fulminantes e festival de finalizações fazem de Messi, agora ‘livre’ também na Argentina, o jogador mais perigoso da Copa-2010”.

No dia seguinte ao jogo, que contou com gol de Tévez em posição irregular, a cobertura da *Folha* também foi bem diferente da do *Correio*, que no título optou pelo uso da palavra “roubada”. O jornal de São Paulo preferiu um tom mais sóbrio e apenas citou os erros de arbitragem, sem julgar ninguém. Na mesma página, Maradona voltou a aparecer com cara de poucos amigos em matéria menor, ao lado de foto com cara de ranzinza.

Após o jogo contra o México, Maradona chega à entrevista fumando cigarro, o qual deixa com o assessor. Cara de estressado, troca piadas por respostas ríspidas e ataca a arbitragem apesar do erro crasso a favor de sua equipe.

Antes da partida das quartas de final contra a Alemanha, o *Correio Braziliense* já mudava o tratamento com Maradona e via o treinador perdido para escalar sua equipe. Na *Folha*, o discurso é mais cauteloso e coloca Maradona como “imprevisível”, como destaca a matéria do dia 1º de julho, sem julgar isso bom ou ruim para o time, como fez o jornal da capital federal.

No dia 2 de julho, o treinador argentino aparece nas páginas em mais uma análise aprofundada de seus gestos e manias. “TOC”, em referência ao Transtorno Obsessivo Compulsivo, é o nome da matéria que fala das diversas superstições e rotinas do técnico durante os treinos e jogos da sua seleção. O material é acompanhado por 12 fotos de Maradona em ação.

Seguindo a linha adotada anteriormente, o jornal publica no dia 3 de julho uma matéria falando bem do treinador, um dia depois de fazer matéria sobre as peculiaridades dele e mostrá-lo como um estranho. “Maradona se nega a rir do Brasil” começa da seguinte maneira:

Para quem esperava um Maradona sorridente e gozador depois da eliminação do Brasil, o técnico da Argentina mostrou-se ontem humilde e respeitoso, embora tenha feito uma de suas mais descontraídas coletivas de imprensa desde que chegou à África.

Enquanto isso, a reportagem pré-jogo de Argentina-Alemanha mostrou-se bem sóbria, com escalações e declarações de ambos os lados, sem qualquer tipo de torcida

pró-Alemanha. As matérias sobre o jogo e pós-eliminação serão analisadas na próxima etapa do trabalho, denominada *A Eliminação*.

5.2.3 *O Globo*

Nessa etapa, *O Globo* continua sendo o jornal mais anti-Argentina entre os três analisados. Enquanto *Correio* e *Folha* ainda elogiavam as boas atuações da seleção de Maradona nas primeiras partidas, o jornal carioca adotava discurso diferente. Logo após a vitória sobre a Nigéria, na partida de estreia, *O Globo* colocou na capa do caderno de esportes “Peixinho salvador”, como se a Argentina tivesse sofrido para vencer a seleção africana. Apesar do placar mínimo (1 a 0), não foi bem assim. A seleção alviceleste foi bem melhor que a Nigéria e mereceu vencer.

Nas páginas internas, o título “Argentina vence mas não encanta” parece feito mais para chamar a atenção e agradar o leitor do que para criticar o futebol apresentado pela seleção argentina de fato, uma vez que no corpo do texto o jornal consegue ser imparcial e contar bem como foi a partida. Inclusive, foi o primeiro a identificar e apontar as deficiências defensivas da equipe.

Maradona voltou à Copa do Mundo em grande estilo. Com um inusual terno, deu um espetáculo dramático à beira do campo, reagindo teatralmente aos lances do jogo: correu, vibrou, reclamou, abriu os braços... Ao fim do jogo, entrou em campo e beijou cada um dos seus jogadores. Nos 90 minutos, seu time mostrou poderio ofensivo, mas as fragilidades defensivas, expostas por um esquema aberto, mostraram que a equipe ainda não é totalmente confiável.

A tendência em analisar Maradona também foi seguida pelo jornal, como se pôde observar no trecho acima. Uma série de seis fotos do treinador ilustrando a página também evidencia o protagonismo do ex-craque.

No dia 15, mais uma vez ficou clara a postura de *O Globo* em sublinhar a rivalidade entre Brasil e Argentina sempre que possível. Enquanto os outros dois jornais analisados deram pouco espaço para as provocações entre Pelé e Maradona (nada mais que notas), o diário carioca reservou espaço para uma pequena matéria, intitulada “Pelé ironiza: ‘Maradona deve me amar’” e ainda a terminou como quem quer mais.

Coincidentemente, no comercial divulgado ontem, Pelé faz um gol do meio do campo em uma partida entre Brasil e Argentina. Pelo menos no filme, o brasileiro se deu melhor. Já no campo das provocações, resta esperar os próximos capítulos.

E o capítulo seguinte não demorou a chegar. No dia 17, véspera do segundo jogo da seleção argentina, contra a Coreia do Sul, *O Globo* reservou grande espaço da matéria pré-jogo para ressaltar mais declarações polêmicas de Maradona, que os outros jornais preferiram não abordar tanto e apenas citaram. Logo no primeiro parágrafo da matéria “No ataque e na defesa”, o jornalista Pedro Motta Gueiros escreve:

De barba e charuto, Maradona encarna o líder populista que as Américas conhecem bem. No caudilhismo da bola, se julga vítima do imperialismo, de Pelé e da Fifa, mas tem a coragem de enfrentar quase todos. Ontem, foi a vez de atacar o ex-craque Platini e de novo Pelé. Enquanto continua medindo forças com quem já saiu de cena, o argentino elogia Dunga, mostrando respeito pelo Brasil, e pisa com cuidado no território minado da disputa pela liderança do Grupo B.

No dia 22 de junho, mais uma vez o jornal optou por dar matéria enfocando as declarações de Maradona sobre o Brasil. “Maradona confirma Messi e alfineta Brasil” foi publicada no dia do terceiro jogo da Argentina pela fase de grupos, contra a Grécia, e deu mais espaço para a declaração de Maradona falando que “todo favorito acaba ficando fora”, logo depois de apontar a seleção brasileira como favorita, do que para as escolhas do treinador para o jogo.

Maradona voltaria a aparecer com força na publicação no dia 27, data do jogo das oitavas de final contra o México. Como nas outras partidas da Argentina, o jornal preferiu dar destaque para material especial do que para os usuais textos pré-jogo, com declarações e escalafões dos dois lados. Dessa vez, Diego Maradona ocupou a capa o caderno e a maior reportagem do dia, deixando espaço bem menor para o pré-jogo em si.

“Entre rei, deus e diabo” é uma reportagem que exalta o carisma do técnico argentino e começa falando como ele se tornou uma das maiores atrações daquela Copa do Mundo. Depois, o texto volta no tempo e faz uma biografia do ex-jogador, passando pelos seus momentos de brilho e de dificuldade com as drogas até chegar até ali. Foi o

primeiro texto de exaltação à Maradona que *O Globo* publicou durante a Copa da África. *Correio e Folha* já abordavam a carisma do treinador há mais tempo.

Apesar das marcas do tempo, Maradona ainda entra de cabeça em tudo que faz. Quando o salto não é o bastante, usa as mãos para iludir adversários e apontar o caminho a seus discípulos. Em vez do habitual distanciamento entre técnico e jogadores, Maradona os persegue nos treinos. Com passadas largas, marcha pelo campo com dedo em riste e faz ameaças, com sua voz áspera e palavrões. No fim dos jogos, entra em campo para abraçar seus jogadores e adversários, como um convidado compulsivo que não consegue ir embora da festa.

Em 1º de julho, o jornal carioca tratou mais uma vez a rivalidade Brasil-Argentina, mas dessa vez com enfoque bem diferente. “País do críquete se divide pelo futebol” mostra pesquisa em que se constatou que os indianos praticamente se dividem entre torcer para o Brasil ou para a Argentina durante a Copa do Mundo. Sem comparações e provocações, a matéria acerta ao tratar o tema de maneira leve. Na foto, torcedores indianos de Brasil e Argentina aparecem juntos, celebrando.

No dia do duelo decisivo contra a Alemanha, que tiraria a seleção argentina da Copa do Mundo de 2010, *O Globo* destacou as declarações, ou falta delas, de Maradona sobre a eliminação do Brasil diante da Holanda no dia anterior. Ainda assim, em “Maradona ignora adeus do Brasil”, o jornal publicou declaração provocativa que nenhum dos outros dois jornais analisados usou.

Preocupado apenas em encontrar o caminho para superar a Alemanha, Maradona só se desviou para as ironias ao ver a cor da desilusão brasileira diante dele. “Estão todos vestidos de Holanda”, disse aos fotógrafos que usavam colete laranja, antes de evitar comentários sobre a eliminação dos pentacampeões. “É um problema do Brasil, eu tenho outros negócios, outras coisas na cabeça.”

No fim da matéria, o jornal carioca ainda acha espaço para cutucar Maradona:

Sem caravelas, nem o Brasil à vista, a Argentina chegou ontem ao litoral para cruzar o ponto mais perigoso da travessia de volta às semifinais. Entre as tormentas do passado e a esperança de chegar ao Novo Mundo, Maradona ainda tem que dar cabo da Alemanha para não morrer na praia. A ironia pode ser fatal.

Assim como o uniforme dos fotógrafos, o colete salva-vidas também é laranja.

5.3 A ELIMINAÇÃO

Nessa parte final na análise, serão observadas apenas as matérias publicadas nos três jornais após a eliminação da seleção Argentina da Copa do Mundo de 2010. A equipe comandado pelo técnico Diego Maradona jogou as quartas de final contra a Alemanha, no dia 3 de julho, e perdeu por 4 a 0. Portanto, as matérias analisadas aqui datam a partir de 4 de julho de 2010.

5.3.1 *Correio Braziliense*

Pela primeira vez durante a cobertura, o *Correio Braziliense* mancheteou em tom de provocação à Argentina. A capa do *Super Esportes* do dia 4 de julho trazia uma foto de página inteira de Maradona cabisbaixo e o título “Tchau, M4r4don4!”, usando o numeral 4, número de gols que a Argentina sofreu, para substituir os As do seu nome. Interessante notar também a escolha de “Maradona” no lugar de “Argentina”, provando que o técnico foi de fato o maior personagem argentino da Copa e o que definiu a imagem argentina durante aquele Mundial.

O caderno reservou quatro páginas daquela edição para o pós-jogo de Alemanha 4x0 Argentina. Nas duas primeiras, análises e lances da partida e declarações de jogadores. Nas outras duas, matérias de como os brasilienses acompanharam a partida pela cidade e como comemoraram ou lamentaram a eliminação da seleção portenha.

Na reportagem intitulada “Humilhação”, o texto começa de maneira surpreendente, uma vez que, na edição do dia anterior, o jornal tinha destacado que Maradona não deu importância e tinha preferido não comentar a eliminação do Brasil.

A festa pela eliminação brasileira não durou 24 horas. A Argentina deixa a África do Sul de forma ainda mais

humilhante. Assim como em 2006, os hermanos são eliminados de uma Copa do Mundo pela Alemanha nas quartas de final.

Pouco depois, o texto comemora a eliminação argentina lembrando um fato que também não havia ganhado muita importância do jornal no início da cobertura:

Melhor ainda: Maradona não desfilará nu no Obeslco em Buenos Aires, como havia prometido caso sua equipe saísse da fila após 24 anos sem levantar uma Copa do Mundo.

Em um box ao lado, para dar voz ao treinador, o jornal escolheu a frase “Chora, Maradona” para dar nome à caixa composta por uma declaração do técnico e uma imagem dele olhando para baixo, triste após a derrota. Na mesma página, a matéria “O fracasso de Messi”, jogador que até ali vinha tendo atuações consideradas boas, apesar de não ter marcado gols, destaca como a imprensa argentina abordou o tema, em mais uma mudança de postura do jornal.

A mudança de postura também apareceu na matéria “Alemães por 90 minutos”, que mostra como foi a torcida anti-argentina pela capital federal. Durante toda a Copa do Mundo, o *Correio Braziliense* não tinha publicado matéria nesse estilo. Pelo contrário, havia feito matérias de como argentinos ou brasileiros que torcem pela Argentina estavam acompanhando os jogos. Pela primeira vez a pauta quis dar destaque aos que torcem contra. A eliminação do Brasil no dia anterior pode ter sido o motivador dessa mudança de postura, uma vez que é sempre lembrada nos textos do dia 4, como se fosse para justificar a torcida contra.

Um dia após a eliminação da Seleção Brasileira na África do Sul, foi a vez dos argentinos sentirem o amargo gosto da derrota. Com a saída do Brasil da Copa, restou aos torcedores brasileiros exercerem o segundo esporte nacional: secar a Argentina.

Nas imagens da página, brasileiros comemorando de um lado e argentinos chorando de outro. A diversidade de opiniões e brasileiros simpatizantes da seleção argentina só aparecem em um espaço menor, dedicado a um fala povo no rodapé da página.

5.3.2 *Folha de S.Paulo*

A *Folha de S.Paulo* tratou a eliminação argentina de forma bem mais amena e o foco foi totalmente diferente do *Correio*, como fica claro logo na capa do caderno, que não conta com uma foto de Maradona ou da seleção argentina lamentando a derrota, e sim da seleção alemã comemorando. Nas páginas internas, o diário também exalta a vitória alemã, ao invés da derrota da Argentina.

“Com trocas frequentes de posição e rápidos contra-ataques, alemães goleiam Argentina e avançam às semifinais” dizia o subtítulo da matéria “Carrossel alemão”, que acompanhava uma foto do atacante Miroslav Klose comemorando. No corpo do texto, um relato dos lances da partida e análises táticas.

A lamentação dos argentinos foi abordada nas duas páginas seguintes do caderno de esportes, mas de maneira bem mais sóbria e sem provocações. “Messi falha no papel de herdeiro” analisou as atuações do melhor do mundo durante a Copa e as comparou às atuações de Maradona em 1986, que levaram a Argentina ao bicampeonato Mundial, mas sem comemorar a eliminação da equipe alviceleste em momento algum, como ocorreu no *Correio Braziliense*.

A Copa repete com Messi a sina de castigar, em maior ou menor grau, os melhores do mundo vigentes. Foi assim com Ronaldinho em 2006, Figo em 2002, Ronaldo em 1998 e Baggio em 1994.

A *Folha* dá até espaço para um pouco de otimismo argentino na página dupla, com a matéria “Treinador diz que resgatou o verdadeiro futebol argentino”, em que Maradona afirmava ter recuperado o orgulho e a raça típicos da seleção portenha.

O único espaço em foi mencionada a rivalidade Brasil-Argentina foi muito pequeno e escondido no rodapé da página, sob o título de “Faixa argentina ironiza o Brasil”.

Os argentinos até foram rápidos na zombaria, mas o tiro saiu pela culatra. No estádio da cidade do Cabo, ontem, uma faixa

branca com letras azuis afirmava: “Qué passa, Brasil, estás nervioso?”. Repetia uma pergunta que Maradona dirigira ao meia alemão Schweinsteiger, depois que este acusou a seleção da Argentina de apelar para a “catimba” em campo.

5.3.3 *O Globo*

Já *O Globo* continuou seguindo a mesma linha adotada desde antes do Mundial e não perdeu a oportunidade de comemorar a eliminação da Argentina logo na capa do caderno de esportes. Uma imagem de página inteira mostrava Maradona desolado, com um terço na mão, ao lado do título “O obelisco respira aliviado”, resgatando declaração do treinador antes da Copa do Mundo e que foi muito abordada pelo jornal à época.

Dentro do caderno de esportes, no entanto, a cobertura foi pequena. Apenas uma página reservada ao duelo e menos comemoração ou provocação do que se podia imaginar. O texto se concentrou em relatar a partida e avaliar, individualmente, as atuações de cada jogador das duas equipes. A imagem principal da página é do alemão Thomas Muller comemorando um gol. *O Globo* sequer colocou fotos dos jogadores ou torcedores argentinos chorando na parte interna da publicação.

No edição seguinte, do dia 5, apenas mais uma matéria falando do prestígio que Maradona recuperou após ser o protagonista argentino na Copa encerra a cobertura do jornal carioca sobre a seleção argentina no Mundial de 2010.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao fim desse trabalho, é importante a ressalva de que ele constitui um recorte e, portanto, não pretende esgotar a temática. Com base nas teorias da comunicação e na análise de conteúdo, ele analisa a cobertura de três jornais brasileiros sobre a seleção argentina de futebol no período específico da Copa do Mundo de 2010. O principal objetivo foi buscar respostas para algumas perguntas e instigar novos questionamentos acerca do assunto.

Uma vez concluído, pode-se afirmar que a hipótese inicial foi confirmada e que os principais jornais impressos brasileiros tendem para uma cobertura que fortalece as relações de rivalidade entre Brasil e Argentina. Após leitura mais detalhada, observando melhor a estrutura do texto, o enfoque escolhido e a disposição das informações na página, foi possível notar uma preferência pelo contraste. Imagens e termos de oposição sempre apareciam, reforçando o sentido de que há um bom e um mau, um certo e um errado. Assim, o juízo de valor aparece com muita frequência e deixa a cobertura tendenciosa, ao passo que a objetividade, tão procurada pelo jornalismo e tratada no capítulo 3, fica um pouco de lado. Existia uma preocupação maior em comparar o estilo de Dunga ao de Maradona do que destrinchar formações técnicas e suas variações, por exemplo.

O uso constante de adjetivos, principalmente em chamadas, títulos e subtítulos, e com mais frequência na *Folha de S.Paulo* e em *O Globo*, também evidencia uma tendência a estereotipar o futebol argentino. O uso dos termos “violência” e “catimba” aparecem como referência ao estilo de jogo argentino mesmo quando a seleção argentina não atua dessa forma. Parece importante para as publicações reforçar que o futebol deles é historicamente mais físico, diferente do nosso, conhecido como “futebol-arte”, de toque refinado e muitos dribles.

E sob o comando de Maradona e a liderança do melhor jogador do mundo, Messi, a Copa de 2010 foi marcada exatamente pelo futebol vistoso da Argentina, menos duro e mais preocupado em envolver o adversário. Esse elemento, em um

primeiro momento, foi usado pela imprensa brasileira para criticar o técnico Dunga e o futebol que ele tinha imposto à seleção brasileira, em mais um uso de oposições.

A inversão de papéis significava que o Brasil estava ficando para trás, regredindo, uma vez que o futebol considerado ideal por aqui é aquele de mais toque de bola e dribles. O sucesso desse estilo de jogo com os maiores rivais, porém, não seria tão bem absorvido pela imprensa, que, apesar de aproveitar a situação para criticar o técnico Dunga, fazia questão de apontar seus defeitos e fazer ressalvas. A eliminação da seleção argentina da Copa do Mundo, portanto, foi motivo de comemoração para a imprensa brasileira, que não viu os vizinhos triunfarem por meio da “nossa” escola de futebol. Lembrando que por muitos anos o futebol argentino foi considerado mais parecido com o europeu, de muita organização tática e pouca imprevisibilidade, do que com o sul-americano. Por isso, seria uma grande ferida vê-los triunfando com o modelo brasileiro: a nação brasileira foi construída, em grande parte, por meio do futebol. Por isso, para os brasileiros é tão importante vencer a Argentina. É uma questão de imposição. Para eles, que tiveram a identidade nacional formada muito antes do futebol, essa rivalidade fica mais no campo esportivo e do deboche bem-humorado.

O personagem principal da cobertura, Diego Maradona, também foi alvo de adjetivações diversas ao longo da Copa. O técnico foi caracterizado como “arrogante”, “dramático” e “agressivo” em muitas oportunidades e volta e meia era retratado com fotos em ângulos que não o favoreciam (fazendo caretas, segurando cigarro, fumando, etc.). Mas ele não foi descrito apenas de formas negativas. Seu bom humor durante as coletivas e treinos ganhou destaque positivo.

Além dessa construção da imagem argentina observada, foi possível concluir também que os impressos baseiam suas coberturas principalmente no valor-notícia entretenimento, tratando o futebol como espetáculo, ao menos quando o tema principal é a seleção argentina. Não à toa, os trejeitos e o comportamento de Maradona tomaram conta das páginas esportivas durante a Copa, enquanto análises táticas e informações do jogo ficaram em segundo plano.

E, nesse momento, há de se fazer algumas diferenciações entre as estratégias narrativas adotadas por cada jornal. O *Correio Braziliense* começou com cobertura sóbria e objetiva, dando maior espaço para questões técnicas do futebol e da seleção

argentina. O diário brasileiro só mudou a forma de abordagem mais para o final da competição e em apenas uma edição: na última analisada, logo após a eliminação argentina, mostrou torcida contra a seleção do país vizinho, explicitamente comemorando a saída dos alvicelestes da competição. Nesse momento, inclusive, foi o jornal que deu maior repercussão para o fato, cobrindo a reação da torcida contra em alguns pontos do Distrito Federal, pauta não utilizada pelos outros veículos.

Folha de S.Paulo e *O Globo*, por outro lado, foram mais constantes ao longo da cobertura, adotando postura uniforme durante o período da competição. A *Folha* um pouco mais contida quanto à rivalidade no início, mas sempre abusando da espetacularização, em torno de Maradona, principalmente, e *O Globo* deixando clara a torcida contra desde o início da cobertura. Comemorou no final, mas já estava torcendo contra desde o início.

Em algum momento, entretanto, os três jornais tiveram a mesma estratégia narrativa: partir de uma realidade que já existe, a rivalidade futebolística entre os dois países, e evidenciá-la, algo que funciona como estratégia mercadológica para ganhar audiência.

Também chamou a atenção uma certa reverência a Maradona no início dos trabalhos. Mais uma vez usando a dicotomia, os jornais chegaram a colocar, em momentos iniciais, o técnico argentino como o exemplo bom, o oposto do mal humorado Dunga, que nunca contou com a simpatia da mídia.

Essa dicotomia bastante utilizada pelos impressos na cobertura futebolística, principalmente quando há o elemento rivalidade, ainda é pouco explorada e pode ser considerada campo fértil para novos estudos.

Através da análise de conteúdo, portanto, foi possível ter uma melhor noção dos elementos que compõem a visão anti-argentina que foi percebida em um primeiro momento, quando a leitura era mais superficial e apenas para entretenimento (nesse caso, antes do início do trabalho). Foi através de uma leitura mais detalhada, observando elementos que antes não chamavam tanto a atenção, que foi possível perceber o uso de estereótipos e grande utilização de linguagem adjetivada.

O estudo histórico, sobre a formação das duas nações e de como o futebol se desenvolveu em cada um dos países, abordado nos capítulos 2 e 3, também foi de

extrema importância para o entendimento da rivalidade e suas raízes e consequências na cobertura jornalística.

Dessa forma, esse trabalho procura esclarecer as origens da rivalidade, analisa a forma como o jornalismo trata e se aproveita dessa rivalidade e espera, de certa forma, que contribua para o aperfeiçoamento do jornalismo esportivo e para a valorização de estudos mais aprofundados que relacionem futebol a teorias da comunicação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGOSTINO, Gilberto. *Vencer ou morrer: futebol, geopolítica e identidade nacional*. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.

AGOSTINO, Gilberto. SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. SANTOS, Ricardo Pintos dos. *Futebol e política: a construção de uma identidade nacional*. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

ALABARCES, Pablo. *Fútbol y Pátria: el fútbol y las narrativas de la nación en la Argentina*. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2002.

AMARAL, Luiz. *A objetividade jornalística*. Porto Alegre: DC Luzzatto, 1996.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1995.

BARROS FILHO, Clóvis. *O discurso da objetividade informativa no campo jornalístico*. Coleção Conceitos, São Paulo, v. 1, 1995.

BOURDIEU, Pierre. “Como é possível ser esportivo?” In: *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. p. 136-153.

COELHO, Paulo Vinícius. *Jornalismo esportivo*. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2004.

COSTA, Leda. *Futebol folhetinizado. A imprensa esportiva e os recursos narrativos usados na construção da notícia*. In: *Logos*, v. 17, n. 2, 2º sem. 2010.

DAMATTA, Roberto. *Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakothke, 1982.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. *A dança dos deuses: futebol, cultura, sociedade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

HELAL, Ronaldo. *Futebol, jornalismo e ciências sociais: interações*. Org: HELAL, Ronaldo, LOVISOLO, Hugo e SOARES, Antonio. Rio de Janeiro: Eduerj, 2011.

LEAL, Ronaldo; LOVISOLO, Hugo; e SOARES, Antônio Jorge. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011.

LEMOS, Márcia de. *Imprensa Esportiva: Dos artigos de olimpianos de Nelson Rodrigues aos parágrafos telegráficos da internet*. 2007.

MALULY, Luciano Victor Barros. *A tática e a técnica da reportagem esportiva no Brasil*. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 27, 2004. Porto Alegre. Anais. São Paulo: Intercom, 2004.

RIBEIRO, André. *Os donos do espetáculo: histórias da imprensa esportiva no Brasil*. São Paulo: Terceiro Nome, 2007.

RIBEIRO, Luiz Carlos. *Brasil: Futebol e identidade nacional*. EFDeportes.com, Revista Digital. Buenos Aires, Año 8, N° 56, Enero de 2003. <http://www.efdeportes.com/efd56/futebol.htm>

SOUSA, Li-Chang Shuen Cristina Silva. *Cobertura esportiva na televisão: critérios de noticiabilidade na interface entre Jornalismo e Entretenimento*. In: 7º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, SBPJor, 2010.

STYCER, M. *Jornalismo Esportivo: 110 anos sob pressão*. Santos: Intercom, 2007.

TRAQUINA, Nelson. *Teorias do Jornalismo*. Vol. 1 e 2. Insular, 2. Ed., 2005.

WOLF, Mauro. *Teorias da Comunicação*. 5ª ed. Lisboa: Presença, 1999.

ANEXOS

Matérias Correio Braziliense

Data: 27/05/2010

Chamada na capa: -

Título: Pílulas da África

Linha fina: Sexo, nudez e Maradona (sexo liberado e obelisco)

Data: 28/05/2010

Chamada na capa: -

Título: Dunga alfineta Maradona

Linha fina: -

Data: 31/05/2010

Chamada na capa: -

Título: Visitamos o quartel de Maradona

Linha fina: D10S manda a polícia correr atrás de quem filma ou tira foto na porta do QG da Argentina. Imprensa portenha elogia tratamento de Dunga e se espalha pela cidade em busca do que fazer

Data: 03/06/2010

Chamada na capa: -

Título: D10S blinda Messi

Linha fina: Maradona dá ao melhor do mundo a paz que faltou a Ronaldinho Gaúcho em 2006. Técnico escolheu até o parceiro de quarto de seu número 10 para acelerar a fase de amadurecimento

Data: 04/06/2010

Chamada na capa: -

Título: Pílulas da África

Linha fina: Sem modéstia (sobre Messi, falando que seleção Argentina é a melhor)

Data: 07/06/2010

Chamada na capa: -

Título: Pílulas da África

Linha fina: Messi é idolatrado (treino aberto da Argentina)

Data: 08/06/2010

Chamada na capa: -

Título: Argentinos deportados

Linha fina: Polícia Federal impede a presença de 10 torcedores portenhos, considerados violentos e uma ameaça à paz no Mundial

Data: 10/06/2010

Chamada na capa: -

Título: Maradona assume o risco

Linha fina: Argentina vai estreiar no sábado, contra a Nigéria, num esquema com apenas três defensores

Data: 11/06/2010

Chamada na capa: -

Título: Esforço para brilhar

Linha fina: Com fama de fracassar na seleção, Messi precisa driblar até o desgaste físico para levar a Argentina ao título depois da maratona de 49 jogos da temporada pelo Barcelona

Data: 12/06/2010

Chamada na capa: Dia de D10S e seu MESSIas

Título: O dono da bola

Linha fina: Argentina do técnico Maradona estreia contra a Nigéria como uma das favoritas ao título e tenta esquecer a sucessão de fracassos das últimas duas décadas

Data: 13/06/2010

Chamada na capa: Messi nada, o dia foi de Green

Título: Cabe processo, Guardiola!

Linha fina: Cópia da tática do Barcelona faz Messi jogar como número 1 na estreia da Argentina. Sem um time à sua altura, craque esbarra em goleiro sobrenatural e vê defensor decidir a vitória

Data: 13/06/2010

Chamada na capa: -

Título: Messi rende-se a Enyeama

Linha fina: -

Data: 13/06/2010

Chamada na capa: -

Título: Festa na Colina

Linha fina: -

Data: 13/06/2010

Chamada na capa: -

Título: Maradona saboreia vitória

Linha fina: -

Data: 14/06/2010

Chamada na capa: -

Título: Maradona versão paz e amor

Linha fina: Técnico argentino abre treino à imprensa e brinca durante a atividade, que contou com reservas e titulares. Em entrevista, diz que sua seleção vai crescer durante a competição

Data: 16/06/2010

Chamada na capa: -

Título: Carisma em alta

Linha fina: Carlitos Tevez esbanja bom humor em entrevista e diz ser um dos menos criticados da Argentina por ser do “povão”

Data: 17/06/2010

Chamada na capa: -

Título: Oitavas à vista

Linha fina: Sem Verón, Argentina mede forças com Coreia do Sul de olho no mata-mata. Quem vencer pode passar de fase, contanto que o outro jogo do Grupo B termine empatado

Data: 18/06/2010

Chamada na capa: Enfim, magia

Título: Nos braços da galera

Linha fina: Futebol envolvente, superação de Higuaín e goleada da Argentina ofuscam problemas do setor defensivo e acendem sinal de alerta nos futuros rivais

Data: 18/06/2010

Chamada na capa: -

Título: Não adiantou secar

Linha fina: -

Data: 18/06/2010

Chamada na capa: -

Título: Orgulho de ser argentino

Linha fina: -

Data: 19/06/2010

Chamada na capa: -

Título: Confiança nos reservas

Linha fina: Com titulares contundidos ou correndo o risco de suspensão, Argentina aposta no banco para o jogo contra a Grécia

Data: 20/06/2010

Chamada na capa: -

Título: Ao mestre, com carinho

Linha fina: Líder da Argentina e ídolo dos atletas, Maradona conquistou mentes e corações e é unanimidade entre seus discípulos

Data: 21/06/2010

Chamada na capa: -

Título: Sete mudanças no time

Linha fina: Diego Maradona deve poupar atletas e a Argentina que joga amanhã pode ser bem diferente da que goleou os sul-coreanos

Data: 22/06/2010

Chamada na capa: -

Título: Quanta marra, Dieguito!

Linha fina: Ao mesmo tempo em que diz que a situação confortável da Argentina não deve ser motivo para relaxamento, Maradona vai poupar vários titulares no confronto com a Grécia

Data: 23/06/2010
Chamada na capa: -
Título: Mistão não decepciona
Linha fina: Repleta de reservas, Argentina elimina a Grécia e se garante nas oitavas.
Primeiro rival no mata-mata será o México

Data: 23/06/2010
Chamada na capa: -
Título: Mulheres fazem a festa
Linha fina: -

Data: 24/06/2010
Chamada na capa: -
Título: “É passar ou morrer”
Linha fina: Assim Maradona define o jogo contra o México, pelas oitavas de final.
Técnico argentino promete escalar o que tem de melhor

Data: 26/06/2010
Chamada na capa: -
Título: Dunga fica zangado só com argentino
Linha fina: -

Data: 26/06/2010
Chamada na capa: -
Título: Será que vai ter repeteco?
Linha fina: Responsável pela classificação argentina às quartas-de-final em 2006, justamente contra o México, Maxi Rodríguez vive a expectativa de repetir o feito amanhã

Data: 27/06/2010
Chamada na capa: -
Título: Hora de provar o favoritismo
Linha fina: Os 100% conquistados na fase de grupos colocam a Argentina como uma forte candidata ao título mundial. Mas para isso acontecer, precisa derrotar o México hoje

Data: 27/06/2010
Chamada na capa: -
Título: Supersticioso, Maradona desafia a Fifa
Linha fina: -

Data: 28/06/2010
Chamada na capa: -
Título: Bastidores de um roubo sem censura
Linha fina: Trapalhada do “editor” do telão do Soccer City no gol em impedimento de Tévez deflagra revolta do México. Apito amigo italiano abre caminho para o choque de campeões mundiais entre Argentina e Alemanha nas quartas-de-final

Data: 28/06/2010
Chamada na capa: -

Título: Eles sempre querem mais um
Linha fina: -

Data: 20/06/2010

Chamada na capa: -

Título: Ataques fulminantes, defesas vulneráveis

Linha fina: Com poder ofensivo que tem encantado nesta Copa, Argentina e Alemanha precisam corrigir falhas defensivas para o duelo de sábado, pelas quartas-de-final

Data: 30/06/2010

Chamada na capa: -

Título: Messi ainda não é unanimidade

Linha fina: Mesmo com a grande campanha da Argentina, imprensa local reclama do treinador e diz que o craque do Barcelona atua muito recuado na seleção

Data: 01/07/2010

Chamada na capa: -

Título: Maradona não sabe quem usar

Linha fina: Meio-campo é o setor que mais sofreu mudanças na Argentina. Para o duelo contra a Alemanha, sábado, Verón e Gutierrez podem voltar

Data: 01/07/2010

Chamada na capa: -

Título: Dia de troca de farpas

Linha fina: -

Data: 02/07/2010

Chamada na capa: -

Título: Rivalidade histórica cada vez mais quente

Linha fina: Provocações pré-jogo esquentam o embate entre Argentina e Alemanha, amanhã. Sul-americanos buscam vingança pela eliminação nos pênaltis há quatro anos

Data: 02/07/2010

Chamada na capa: -

Título: Desfalques de peso nos treinos

Linha fina: -

Data: 02/07/2010

Chamada na capa: -

Título: James Bond argentino

Linha fina: -

Data: 03/07/2010

Chamada na capa: -

Título: O dia D para Messi

Linha fina: Torcida argentina espera que o craque repita atuação de Maradona no último título dos hermanos, em 1986. Teste de fogo é hoje, conta a Alemanha, valendo caga na semifinal

Data: 03/07/2010

Chamada na capa: -

Título: Brasileiros com alma alviceleste
Linha fina: -

Data: 04/07/2010

Chamada na capa: Tchau, M4r4don4!

Título: Humilhação

Linha fina: Com futebol de campeã mundial, Alemanha dá um vareio na Argentina de Maradona sem fazer muito esforço. Klose fica a um gol do recorde de Ronaldo em Copas

Data: 04/07/2010

Chamada na capa: -

Título: O fracasso de Messi

Linha fina: -

Data: 04/07/2010

Chamada na capa: -

Título: Alemães por 90 minutos

Linha fina: Brasilienses vestem a camisa e torcem para a Alemanha como se fosse o Brasil. Tudo, é claro, para secar a arquirrival Argentina

Data: 04/07/2010

Chamada na capa: -

Título: Minoria faz a festa

Linha fina: -

Resumo:

46 matérias publicadas sobre a seleção argentina, entre 27/05/2010 e 04/07/2010

Matérias *Folha de S.Paulo*

Data: 27/05/2010

Chamada na capa: -

Título: Argentina libera sexo para atletas

Linha fina: Jogadores poderão também beber e comer churrasco, e Maradona promete ficar pelado se conquistar o título

Data: 02/06/2010

Chamada na capa: -

Título: Baderneiros argentinos vão à Copa

Linha fina: 'Barras bravas' chegam a pretória com suposto apoio de Maradona

Data: 04/06/2010

Chamada na capa: -

Título: Argentina mostra seu bibelô Messi

Linha fina: Para preservar equipe, Maradona abre treino apenas por 15 minutos

Data: 07/06/2010

Chamada na capa: -

Título: Maradona é o centro das atenções em treino-festa
Linha fina: Fãs argentinos lotam o campo de Pretória

Data: 10/06/2010
Chamada na capa: -
Título: Maradona dá sinais de que irá ao ataque
Linha fina:

Data: 12/06/2010
Chamada na capa: -
Título: Maradona toma o espaço dos atletas
Linha fina: Excentricidades do técnico da Argentina marcam seu retorno a uma Copa após 16 anos, hoje, contra a Nigéria

Data: 13/06/2010
Chamada na capa: Dia de Messi
Título: Nigéria cai ante o Messi do Barcelona
Linha fina: Argentino atua como no clube e se destaca em vitória magra na estreia

Data: 13/06/2010
Chamada na capa: -
Título: Mesmo de terno, Maradona é quase jogador
Linha fina: -

Data: 13/06/2010
Chamada na capa: -
Título: Arquibancada tem domínio azul e branco
Linha fina: -

Data: 16/06/2010
Chamada na capa: -
Título: Maradona muda foco em treino
Linha fina: Treinador recebe presidente de entidade candidata ao Nobel e grita 'temos que estar com ela'

Data: 17/06/2010
Chamada na capa: -
Título: Em um jogo, Messi vira líder argentino
Linha fina: Maradona quer blindagem da arbitragem ao craque após rival afirmar que usará faltas táticas para detê-lo

Data: 17/06/2010
Chamada na capa: -
Título: Com treinador, seleção vive em indefinição
Linha fina: -

Data: 17/06/2010
Chamada na capa: Só dá ele
Título: Reality Maradona show

Linha fina: Na Copa, mística do ex-camisa 10 une argentinos, desconcerta a mídia e provoca temos de revés

Data: 18/06/2010

Chamada na capa: Implacáveis

Título: Jogo coletivo da Argentina consagra Higuaín, que faz 3

Linha fina: Atuação do setor ofensivo possibilita ao atacante virar artilheiro da Copa

Data: 18/06/2010

Chamada na capa: -

Título: Jogadores já veem sua seleção em crescimento e ‘implacável’

Linha fina: -

Data: 18/06/2010

Chamada na capa: -

Título: Mascherano culpa o barulho das vuvuzelas pelo gol sul-coreano

Linha fina: -

Data: 18/06/2010

Chamada na capa: -

Título: Torcedores celebram vitória com cautela

Linha fina: -

Data: 21/06/2010

Chamada na capa: -

Título: Argentina, 100%, deve poupar alguns titulares contra a Grécia

Linha fina: Com vaga nas oitavas próxima, Messi tem chance de descansar

Data: 22/06/2010

Chamada na capa: -

Título: Argentina vive teatro de Maradona

Linha fina: Jogadores dão respostas óbvias e repetitivas, deixando as opiniões polêmicas para o técnico

Data: 22/06/2010

Chamada na capa: -

Título: Treinador poupa 7 titulares; Messi pede e é escalado

Linha fina: -

Data: 23/06/2010

Chamada na capa: -

Título: Grego cansa e perde duelo com Messi

Linha fina: Mesmo marcado individualmente, craque atua nos dois gols da Argentina na vitória que mantém o time 100%

Data: 23/06/2010

Chamada na capa: -

Título: Reservas argentinos se mostram falhos

Linha fina: -

Data: 23/06/2010

Chamada na capa: -

Título: Maradonas do Brasil sofrem pelo original

Linha fina: Graças ao sucesso do craque na década de 80, país tem seus próprio argentinos

Data: 26/06/2010

Chamada na capa: -

Título: Maradona ensaia a sua democracia

Linha fina: Treinador da argentina ouve seus auxiliares antes de tomar decisões, mas se gaba de ter melhores ideias

Data: 27/06/2010

Chamada na capa:

Título: Maradona resgata a velha autoconfiança argentina

Linha fina: Desacreditado nas eliminatórias, time pega hoje o México como favorito

Data: 27/06/2010

Chamada na capa: -

Título: Solto

Linha fina: Arranques fulminantes e festival de finalizações fazem de Messi, agora 'livre' também na Argentina, o jogador mais perigoso da Copa de 2010

Data: 28/06/2010

Chamada na capa: Dentro

Título: Argentina vive tensão, mas avança

Linha fina: Brigas, gol irregular e choradeira de atletas marcam duelo no Soccer City

Data: 28/06/2010

Chamada na capa: -

Título: Maradona critica juiz, dá patada e, no fim, sorri

Linha fina: -

Data: 29/06/2010

Chamada na capa: -

Título: Seleção aponta o próximo rival como o mais difícil deste Mundial

Linha fina: -

Data: 01/07/2010

Chamada na capa: -

Título: Alemanha já reclama da catimba

Linha fina: Schweinsteiger alerta para provocações dos argentinos e pressão que exercem na arbitragem

Data: 01/07/2010

Chamada na capa: -

Título: Imprevisível, Maradona cria dúvida até entre seus jogadores

Linha fina: No mesmo dia, treinador indica troca e manutenção de escalação

Data: 02/07/2010

Chamada na capa: -

Título: Toc

Linha fina: Por superstição, Maradona repete ao extremo rotinas da seleção, que vão de boladas em treino até a ordem certa para descer do ônibus e ficar no banco

Data: 03/07/2010

Chamada na capa: -

Título: Semifinalista sai do clássico mais comum

Linha fina: Alemanha e Argentina jogam pela sexta vez em Copas, o confronto mais freqüente entre campeões mundiais

Data: 03/07/2010

Chamada na capa: -

Título: Maradona se nega a rir do Brasil

Linha fina: Instado a comentar a queda do arquirrival, argentino prefere focar partida com a Alemanha

Data: 04/07/2010

Chamada na capa: Fussball arte

Título: Carrossel alemão

Linha fina: Com freqüentes trocas de posição e rápidos contra-ataques, alemães goleiam Argentina e avançam às semifinais

Data: 04/07/2010

Chamada na capa: -

Título: Messi falha no papel de herdeiro

Linha fina: Mundial em branco do astro acaba com as comparações com Maradona

Data: 04/07/2010

Chamada na capa: -

Título: Treinador diz que resgatou o verdadeiro futebol argentino

Linha fina: -

Data: 04/07/2010

Chamada na capa: -

Título: Para capitão, perder de 4 a 0 é inexplicável

Linha fina: -

Data: 10/07/2010

Chamada na capa: -

Título: De férias, Messi passeia no Rio

Linha fina: De cabelo curto, jogador argentino come churrasco e vai à praia

Resumo:

39 matérias publicadas sobre a seleção argentina, entre 27/05/2010 e 10/07/2010

5 capas

Matérias *O Globo*

Data: 27/05/2010

Chamada na capa: Mais uma das 1000 razões para torcer contra a Argentina –
Maradona diz que vai ficar pelado no Obelisco se for campeão
Título: Pelado no Obelisco
Linha fina: Maradona promete ficar nu no centro de Buenos Aires, caso sua seleção seja campeã mundial

Data: 30/05/2010

Chamada na capa: Dor na chegada

Título: Dor na chegada

Linha fina: Logo depois do desembarque, Maradona, mal-humorado, teve de procurar atendimento de emergência numa clínica dentária

Data: 04/06/2010

Chamada na capa: Messi aposta na família Maradona

Título: ‘Jogador por jogador, somos os melhores’

Linha fina: Em sua primeira entrevista na África do Sul, Lionel Messi, o filho mais talentoso da “família” chefiada por Diego Maradona, exalta a qualidade do elenco argentino e diz que é apenas uma das peças na missão de encerrar o jejum de 24 anos da equipe

Data: 07/06/2010

Chamada na capa: -

Título: União afro-argentina

Linha fina: Em busca do terceiro título, Messi e Cia. treinam sob o olhar da torcida

Data: 09/06/2010

Chamada na capa: -

Título: Hermanos barra-pesada

Linha fina: Na mira da polícia sul-africana, torcedores barrabravas são vigiados durante 24 horas, mas teriam viajado com a complacência de autoridades argentinas

Data: 09/06/2010

Chamada na capa: -

Título: Após treino descontraído, paredão de ‘fuzilamento’

Linha fina: Na partida contra a Nigéria, Maradona deve lançar volante Gutierrez na ala e ter Tévez como titular

Data: 09/06/2010

Chamada na capa: -

Título: Sessenta argentinos hospedados em colégio cristão

Linha fina: Integrantes das Hinchadas Unidas Argentinas garantem que viajaram apenas para torcer

Data: 12/06/2010

Chamada na capa: -

Título: ‘A Argentina é um Rolls-Royce, e temos Messi ao voante’

Linha fina: Antes da estreia contra a Nigéria, Maradona diz sentir ‘tranquilidade espiritual’ que até hoje nunca teve

Data: 12/06.2010

Chamada na capa: -

Título: Eles só pensam uns nos outros

Linha fina: Provocação mútua, esporte favorito nos dois lados da fronteira, marca discurso de jogadores de Brasil e Argentina antes da estreia

Data: 12/06/2010

Chamada na capa: -

Título: 'A seleção brasileira é um jato que está voando baixo'

Linha fina: Confiante, apesar dos cinco jogos sem marcar, Luís Fabiano contesta argentinos e diz que time está pronto para o Mundial

Data: 13/06

Chamada na capa: Peixinho salvador

Título: Argentina vence, mas não encanta

Linha fina: Com boa atuação de Messi e um teatral Maradona à beira do campo, vitória por 1 a 0 sobre a Nigéria não esconde deficiências

Data: 14/06/2010

Chamada na capa: -

Título: Messi acaba com a maldição da seleção

Linha fina: Boa atuação do craque contra a Nigéria traz alívio a Maradona e aos jogadores, mas expõe a dependência da Argentina ao seu talento

Data: 15/06/2010

Chamada na capa: -

Título: Pelé ironiza: 'Maradona deve me amar'

Linha fina: Ex-craque brasileiro responde provocações e diz que a necessidade fez o argentino se tornar técnico

Data: 16/06/2010

Chamada na capa: -

Título: Maradona na área social

Linha fina: Um dia depois de Che Guevara, técnico homenageia as Avós da Praça de Maio

Data: 17/06/2010

Chamada na capa: -

Título: No ataque e na defesa

Linha fina: Na véspera do segundo jogo da Argentina, Maradona esquece a Coreia do Sul para elogiar Dunga, criticar Platini e, claro, seu inimigo número 1: Pelé

Data: 17/06/2010

Chamada na capa: -

Título: África do Sul manda de volta 17 argentinos

Linha fina: -

Data: 17/06/2010

Chamada na capa: -

Título: Só vitória interessa para manter as esperanças

Linha fina: Seleção Argentina enfrenta a Grécia, hoje, às 11h, sob frio e com missão de não voltar antes da hora para casa

Data: 18/06/2010

Chamada na capa: -

Título: Argentina goleia na Páscoa de Maradona

Linha fina: Liderada pelo ídolo e técnico, equipe sul-americana se impõe à Coreia do Sul com três gols de Higuaín e pinta o Soccer City de azul e branco

Data: 19/06/2010

Chamada na capa: -

Título: Argentinos lutam contra o excesso de otimismo

Linha fina: Capitão Mascherano pede ao elenco que não se deixe distrair com os elogios feitos à equipe

Data: 21/06/2010

Chamada na capa: -

Título: Uma Argentina bem familiar

Linha fina: Maradona deve poupar titulares e dar ao genro Agüero a chance de começar jogando contra a Grécia

Data: 22/06/2010

Chamada na capa: -

Título: Maradona confirma Messe e alfineta Brasil

Linha fina: Técnico diz que seleção de Dunga é candidata ao título, mas avisa que 'todo favorito caba ficando de fora'

Data: 23/06/2010

Chamada na capa: -

Título: Na vitória, a surpresa de Palermo

Linha fina: Argentina festeja liderança, e o técnico Diego Maradona exalta a qualidade de seu elenco

Data: 23/06/2010

Chamada na capa: -

Título: A vitória dos coadjuvantes

Linha fina: Messi brilha novamente, mas ainda segue sem marcar no Mundial

Data: 26/06/2010

Chamada na capa: -

Título: Acertos antes do reencontro

Linha fina: Maradona faz duas mudanças em treino antes do confronto nas oitavas contra o México. Verón e Jonas Gutierrez podem perder a vaga na equipe para Maxi Rodríguez e Otamendi

Data: 27/06/2010

Chamada na capa: Deus e o diabo na terra da bola

Título: Entre rei, deus e diabo

Linha fina: Do céu ao inferno, Maradona estende seu reinado à beira do campo e se torna uma das grandes atrações num Mundial com técnicos mal humorados

Data: 27/06/2010

Chamada na capa: -

Título: e México de novo nas oitavas
Linha fina: Jogo entre as duas equipes, hoje, repete confronto vencido pelos argentinos em 2006

Data: 28/06/2010

Chamada na capa: Só a Fifa não viu

Título: Com Messi apagado, Tévez conduz vitória sobre 'freguês'

Linha fina: Atacante faz dois gols (um impedido) e Higuaín marca seu quarto e é artilheiro da competição

Data: 28/06/2010

Chamada na capa: -

Título: Pronta para a revanche

Linha fina: Argentina bate o México por 3 a 1 e, no sábado, pelas quartas de final, reencontra a Alemanha, sua algoz no último Mundial. Se vencer, time chegará a uma semifinal após 20 anos

Data: 29/06/2010

Chamada na capa: -

Título: Diante de um gigante, a cautela de Maradona

Linha fina: Argentina treina pênaltis e pode ter formação menos ofensiva contra Alemanha

Data: 30/06/2010

Chamada na capa: -

Título: O 'déjà vu' de Maradona

Linha fina: Driblando a insatisfação de alguns, técnico da Argentina acalma os jogadores afirmando que já viveu tudo que eles estão vivendo em relação ao confronto decisivo contra a Alemanha

Data: 30/06/2010

Chamada na capa: -

Título: Messi, o 'fantasma' alemão

Linha fina: Jogadores da Alemanha reconhecem que anular o hábil canhoto é o passo decisivo para o sucesso

Data: 01/07/2010

Chamada na capa: -

Título: País do críquete se divide pelo futebol

Linha fina: Rivalidades de Brasil e Argentina e Pelé e Maradona chegam à torcida, que aposta até o que não tem

Data: 01/07/2010

Chamada na capa: -

Título: Alemães engasgados com a Argentina

Linha fina: Schweinsteiger relembra a truculência dos sul-americanos em 2006, mas espera futebol de alto nível na partida de sábado

Data: 01/07/2010

Chamada na capa: -

Título: Maradona ironiza: 'Eles estão nervosos'

Linha fina: Técnico confirma que jogadores esperam revanche e que esquema tático será mantido

Data: 02/07/2010

Chamada na capa: -

Título: O craque perto do limite

Linha fina: Messi sente o desgaste e é poupado no último treino em Pretória antes das quartas de final. Segundo os médicos, o motivo seria uma forte congestão nasal

Data: 03/07/2010

Chamada na capa: -

Título: Após farpas, duelo decisivo

Linha fina: Argentina e Alemanha se enfrentam hoje por uma vaga nas semifinais.

Depois das provocações de Schweinsteiger e Lahm, que não ficaram sem respostas, Joachim Low tenta acalmar os ânimos

Data: 03/07/2010

Chamada na capa: -

Título: Maradona ignora adeus do Brasil

Linha fina: Técnico ironiza coletes laranja dos fotógrafos, mas diz que tem outras coisas na cabeça

Data: 04/07/2010

Chamada na capa: O obelisco respira aliviado

Título: Alemanha humilha Argentina

Linha fina: Com um show coletivo, alemães massacram o perdido time de Maradona por 4 a 0. Klose marca duas vezes e fica a um gol do recorde de Ronaldo como maior artilheiro em Mundiais

Data: 05/07/2010

Chamada na capa: -

Título: Maradona prestigiado

Linha fina: AFA e povo querem que Diego siga comandando a seleção, recebida em clima de conformismo e paz

Resumo:

39 matérias publicadas sobre a seleção argentina, entre 27/05/2010 e 05/07/2010

6 capas